UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MARCOS VINICIUS MARCELINO DE CASTRO

O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES LINGUAGENS

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2018

MARCOS VINICIUS MARCELINO DE CASTRO

O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES LINGUAGENS

Monografia, apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientador: Higor Mozart Geraldo Santos.

Co-Orientador: Fernando Conde Veiga.

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2018

MARCOS VINICIUS MARCELINO DE CASTRO

O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES LINGUAGENS

Monografia, apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Aprovado em 28 de novembro de 2018.

Banca Examinadora

_____

Prof. Ms. Higor Mozart Geraldo Santos.

(Orientador)

Universidade Federal Fluminense - UFF

_____

Prof. Dr. Fernando Conde Veiga.

(Co-Orientador)

Departamento de Geografia - UFV

_____

Prof.ª. Dra. Janete Regina de Oliveira

(Avaliadora)

Departamento de Geografia - UFV

_____

Prof. Dr. Gustavo Soares Iorio

(Avaliador)

Departamento de Geografia - UFV

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pelo dom da vida, por esse momento único e fundamental para a vida profissional.

Aos meus pais, Ana Lucia e Márcio, e ao meu irmão Eduardo por todo o apoio e solidariedade durante essa longa jornada, sem vocês eu não teria conseguido.

À minha namorada Ana Paula, obrigado por sempre ter acreditado na minha capacidade e por nunca me deixar desistir, você foi fundamental nesse percurso árduo.

Aos meus companheiros do Posinho 1622, em especial ao Lucas Silva, obrigado pelas dicas e prosas.

Ao meu orientador Higor Mozart, minha gratidão é imensa pelo apoio e paciência, você é uma ótima pessoa e um profissional exemplar!

Ao meu co-orientador, Fernando Conde e aos avaliadores, Janete de Oliveira e Gustavo Iorio, obrigado por terem aceito o convite.

Aos técnicos e demais funcionários do DGE, que sempre foram prestativos.

Aos amigos de graduação da GEO 13 (Mari, Léo, Bruno, Bráulio, Paulo, Pedro, Gustavo, Raphael, Lud, Taís, Mara), em especial ao Vitor Prudente, obrigado por tudo, você foi importante durante a graduação sempre dando apoio na hora dos apertos.

À UFV por ser a instituição que tornou possível concluir mais um objetivo e que continua sendo a mais linda do Brasil!

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

Charles Chaplin.

RESUMO

O trabalho aborda temáticas relacionadas às práticas de ensino escolar, mais especificamente sobre diferentes linguagens. A motivação se dá em virtude dos vários desafios postos à disciplina de Geografia na atualidade, sobretudo aqueles que dizem respeito ao interior da sala de aula, o que torna fundamental refletir sobre as práticas de ensino. Para atingir o objetivo do trabalho primeiramente apresentou-se o histórico sobre o surgimento e institucionalização da Geografia como disciplina presente no currículo escolar, posterior a isto abordou-se os desafios do ensino de geografia na contemporaneidade. No segundo momento tecemos reflexões, com base em bibliografias, sobre o uso das diferentes linguagens no ensino, com a intenção de compreender como esses recursos repercutem nas práticas escolares. Após isto entrevistamos professores de Geografia da rede pública e privada, com a finalidade de analisar como estes efetuam suas práticas e se fazem o uso de novas linguagens nas aulas. No quarto momento foram abordados exemplos que casam diferentes linguagens e conceitos geográficos. Sobre os resultados, pode-se dizer que a maioria dos docentes mescla suas formas de ensino, fazendo assim o uso de novos métodos e metodologias, mas o que ainda predomina é o ensino tradicional, o que não pode ser considerado algo negativo pois depende da forma de abordagem, fato que pode tornar o ensino efetivo ou não.

Palavras-chave: Ensino; Geografia; Diferentes linguagens.

ABSTRACT

The work deals with topics related to school teaching practices, specifically about different languages. The motivation is due to the various challenges posed to the discipline of geography in the present time, especially those that concern the interior of the classroom, which makes it fundamental to reflect on teaching practices. In order to reach the objective of the work, it was firstly presented the history of the emergence and institutionalization of Geography as a discipline present in the school curriculum, after which the challenges of geography teaching in contemporary times were addressed. In the second moment we make reflections, based on bibliographies, on the use of different languages in teaching, with the intention of understanding how these resources have repercussions on school practices. After this we interviewed teachers of Geography of the public and private network, with the purpose of analyzing how they carry out their practices and make use of new languages in class. In the fourth moment we discussed examples that marry different languages and geographical concepts. On the results, it can be said that most teachers blend their teaching methods, thus making use of new methods and methodologies, but what still predominates is traditional teaching, which can not be considered negative because it depends on the way of approach, a fact that can make education effective or not.

Keywords: Teaching; Geography; Different languages.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. O estudo do território no ensino fundamental 67

Tabela 2. Música “Meu pequeno território” 69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Captura de tela do mapa interativo da rede de cabos submarinos pelo distribuídos pelo mundo 73

LISTA DE QUADROS

QUADRO I. 1. Em qual área você é formado (Geografia, Ciências Sociais)? Qual o ano de conclusão? Qual o seu nível de formação e em qual instituição se formou? 35

QUADRO II. 2. O que serviu de motivação para você escolher a área das ciências humanas, mais especificamente a Geografia? 36

QUADRO III. 3. Quando decidiu ser professor (a)? Por que ser professor de Geografia? 36

QUADRO IV. 4. Em qual rede de ensino você atua? Em quantas escolas e com quais séries trabalha? Há quanto tempo exerce a profissão? 38

QUADRO V. 5. Após esse tempo de profissão, qual o balanço geral você faz dela? Você gosta de ser professor (a)? 39

QUADRO VI. 6. Como é o seu método de ensino? 40

QUADRO VII. 7. Em suas práticas na sala de aula, quais estratégias você utiliza para trabalhar os conteúdos da Geografia? O que você considera importante desenvolver junto com os alunos? 41

QUADRO VIII. 8. Qual a sua opinião sobre a utilização das novas linguagens? 43

QUADRO IX. 9. Na sua formação houve capacitação e discussão sobre as metodologias no ensino de geografia? Houve capacitação para a utilização de diferentes recursos? Você considera que algo deveria ter sido diferente? 43

QUADRO X. 10. Em quais ocasiões você lança mão de outras linguagens para tornar as aulas efetivas e com qual frequência? Você pode dar alguns exemplos? 45

QUADRO XI. 11. Quando você utiliza outras linguagens, quais resultados observa? 46

QUADRO XII. 12. Os alunos se apoderam de novas linguagens na resolução das atividades, trabalhos em grupo, provas e outros? Cite exemplos, por favor 50

QUADRO XIII. 13. Quando utilizados, mudanças se refletem nas atividades avaliativas? 51

QUADRO XIV. 14. Quais estratégias você utiliza para trabalhar os conceitos geográficos? Você considera que os educandos conseguem compreender a importância desses conceitos? 53

QUADRO XV. 15. Caso queira utilizar outros recursos nas aulas, a escola permite que você o faça de forma fácil e sem empecilhos? 54

QUADRO XVI. 16. Diante das experiências e suas vivências na escola, quais são os desafios enfrentados na prática docente na contemporaneidade? 54

QUADRO XVII. 17. Se tratando da Geografia, quais os desafios para efetuar o ensino de forma didática? Quais desafios de se ensinar Geografia? 58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. PANORAMA DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL 14

1.1. A Geografia Clássica e o ensino de Geografia 15

1.2. A Geografia Moderna e o ensino escolar 18

1.3. A Geografia na contemporaneidade e os desafios do professor de Geografia no Brasil 21

2. A PRÁTICA DOCENTE: O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA 27

2.1. Percepções sobre o uso das diferentes linguagens na Geografia atual 27

2.2. Diferentes linguagens e a relação com o processo de ensino-aprendizagem 29

2.3. Desafios para a utilização das diferentes linguagens no ensino de Geografia 31

3. ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE VIÇOSA-MG 34

3.1. Sistematização das entrevistas 34

4. PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE ENSINO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS COM A UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES LINGUAGENS . 62

4.1. Algumas possibilidades de abordagem dos conceitos geográficos no ensino de Geografia. 62

4.1.1. A abordagem do conceito de paisagem e a relação com o lugar no ensino de Geografia 62

4.1.2. A abordagem do conceito de território no ensino de Geografia 66

4.1.3. A abordagem do conceito de região e redes no ensino de Geografia 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

REFERÊNCIAS 79

ANEXOS 83

INTRODUÇÃO

Em meio às experiências alcançadas ao longo da graduação, foi perceptível que a prática de ensino perpassa por desafios e problemas relacionados às diversas competências. Através do PIBID[1], foram adquiridas algumas percepções sobre questões relacionadas à escola, aos alunos e à docência. Estas vivências serviram de motivação para investigar sobre as práticas dos professores e o ambiente escolar, e assim buscar alternativas ao ensino de Geografia.

Na contemporaneidade, o ensino escolar passa por momentos que merecem ser debatidos, principalmente na escola pública. As informações que chegam pelos diversos meios de comunicação são de que as escolas têm se tornado locais com diversos problemas, como os relacionados ao uso em excesso dos livros didáticos, a própria formação dos professores, salários baixos e também a violência, seja entre alunos e/ou alunos com professores (CAVALCANTI, 2010).

A Geografia escolar passa por momentos inquietantes que merecem uma reflexão aprofundada, sobretudo quando se pensa na reforma do ensino médio[2] e nas ameaças do projeto Escola Sem Partido, no qual Sperandio e Muniz (2017) apontam que se caracterizam como movimentos destoantes da perspectiva do ensino democrático e caminham para a implantação de uma educação reguladora, que condiz com o pensamento do Estado, com o intuito de controlar os currículos. Estes ideais destoam da realidade e servem para tirar o foco dos reais problemas que existem no setor educacional brasileiro.

Nas escolas as críticas incidem sobre a existência de aulas enfadonhas, que não estimulam o interesse e o raciocínio crítico dos alunos. Diante desse contexto muito se tem discutido sobre meios para promover práticas que favoreçam uma aprendizagem significativa. Umas das alternativas que vêm ganhando importância em diversos debates é o uso das diferentes linguagens que envolvem a utilização de instrumentos didáticos

---

[1] Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

[2] Os defensores da Reforma do Ensino Médio, expresso na Lei 13. 415 de 16 de fevereiro de 2017, argumentam que para resolver os maus índices da última etapa da Educação Básica é necessário mudanças na composição curricular para que os problemas possam começar a ser sanados. Os defensores do projeto "Escola sem Partido", acreditam que o problema é que os professores não estão fazendo suas funções como deveriam, utilizando o espaço de sala de aula para, segundo eles, doutrinarem seus alunos com ideias político-partidárias. Para os integrantes desse "movimento" é preciso que a escola assuma um papel de neutralidade diante de questões políticas morais e religiosas, e que, só assim será possível garantir acesso a um saber realmente útil para os alunos (SPERANDIO e MUNIZ, 2017, p. 212).

diversos, como imagens, músicas, quadrinhos, jornais (impressos ou digitais), recursos da internet (Google Earth, YouTube e outros), livros, poemas e etc.

Em meio a essa gama de possibilidades, a pesquisa visa compreender as questões associadas à presença (ou não) das diferentes linguagens no ensino de Geografia em quatro escolas da cidade de Viçosa (Minas Gerais). O intuito foi investigar quais são as consequências da sua utilização, como se dá o planejamento para a realização de atividades que as incorporam e como são suas implementações na sala de aula com o intuito de proporcionar o ensino didático, reflexivo, crítico e atrativo aos educandos, demonstrando a importância da Geografia para a vida dos estudantes.

Sobre a estrutura do trabalho, o mesmo basicamente é composto por quatro partes ou momentos. O primeiro consiste na apresentação sobre o panorama da ciência geográfica e como se deu sua institucionalização como disciplina presente no currículo escolar, apresentado a influência das correntes de pensamentos na sua conformação no ensino escolar no âmbito nacional até a contemporaneidade, abordando os desafios que os professores enfrentam em suas práticas de ensino.

O segundo momento consistiu na abordar a utilização das novas linguagens no ensino de Geografia com base em referências bibliográficas, visando refletir e compreender possibilidades que esses recursos apresentam para o ensino.

No terceiro momento o intuito foi analisar como o ensino de Geografia tem sido efetuado em algumas escolas da cidade de Viçosa-MG. A escolha foi feita buscando analisar instituições estaduais e privadas, tendo em vista que cada uma delas possuem características e métodos de ensino diferentes. O objetivo foi identificar quais os métodos e metodologias predominam nas salas de aula, investigando se os docentes fazem uso das diferentes linguagens, com o intuito de evidenciar quais os efeitos essas formas de ensino geram no aprendizado dos educandos.

O quarto momento consistiu em sugerir possibilidades que unem conceitos geográficos, diferentes linguagens e práticas de ensino.

1. PANORAMA DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

Sendo o foco do trabalho o ensino de Geografia se torna pertinente contextualizar e explicitar sobre suas características ao longo do tempo no Brasil, a fim de averiguar quais são as continuidades e rupturas no contexto atual. Albuquerque (2011, p. 20) aborda que "em muitos casos a Geografia escolar pode ser considerada como um marco inicial no desenvolvimento do conhecimento geográfico, e posteriormente, como algo que se reproduz a partir do que se fazia/faz na academia". Portanto, torna-se necessário compreender a relação entre a academia e escola, e sua historicidade, como se deu a constituição do saber escolar geográfico e a institucionalização da disciplina. Também se torna válido entender como são as características da Geografia moderna, e como se dão as incorporações das inovações pedagógicas.

Albuquerque (2011) define dois marcos na história da Geografia escolar nacional. O primeiro teve início na década de 1830 e vai até 1910, sendo caracterizado como um intervalo em que o saber geográfico se constituiu como tal e a disciplina de Geografia se institui com propósitos e finalidades específicas de acordo com o papel da escola na época. Os currículos e legislações foram elaborados para que servissem de forma direta ou indireta como referências para as escolas do país.

Pode-se demarcar um segundo momento entre os anos de 1911 e a década de 1930. Neste período, ocorreu a inserção de aportes teórico-metodológicos e temáticos em parte da produção escolar que foram difundidos pela recém-criada Geografia Moderna presente no Brasil e pela pedagogia científica (ALBUQUERQUE, 2011). Esses acontecimentos foram determinantes também para a institucionalização da Geografia acadêmica no país, pois a partir desse momento passaram a ser criados cursos superiores, cujos objetivos eram formar professores para a escola básica. A historicidade ligada à Geografia escolar[3] brasileira pode ser considerada como tendo dois períodos distintos, sendo eles a Geografia tradicional e a Geografia crítica. Ambas não podem ser consideradas como correntes teóricas fechadas em si, visto que diversos autores usaram de aportes teóricos diferenciados na constituição dessas abordagens; sendo assim, é fundamental discutir sobre as produções escolares nesses períodos de forma que se identifique suas relações com as produções científicas (ALBUQUERQUE, 2011).

[3] Por esse viés a Geografia quantitativa foi incipiente, gerando pouca repercussão e aplicação nas práticas escolares.

Rocha (1996) citado por Albuquerque (2011) defende outra periodização. O primeiro período da Geografia brasileira corresponderia aos primórdios da educação jesuíta no país, até a introdução dos ideais da Geografia científica. Assim pode ser delimitado do período Colonial até o início do século XX. Esse intervalo corresponde à Geografia clássica, por ter sido constituída em seus aspectos teóricos com bases nos conhecimentos da Antiguidade Clássica. Andrade aponta que:

> No primeiro período, a contribuição foi dada pelos chamados cronistas coloniais que aqui estiveram nos séculos XVI, XVII, e XVIII e que, por razões as mais diversas, fizeram descrições da terra e da sua gente, influenciados, ao mesmo tempo, por imagens e comportamento daqueles com quem conviviam e pelo imaginário europeu no mundo tropical (ANDRADE *et al*, 2010, p. 9).

Vemos que no Brasil, na fase inicial do período colonial, a Geografia ainda não era uma disciplina instituída, tanto pelo viés escolar quanto pelo acadêmico, pois não havia ocorrido sua inclusão no currículo da escola básica e não existia produção acadêmica de forma sistematizada. Segundo Rocha *et al* (1998), somente em 1837 ela passou a ser integrada ao currículo escolar. Esse momento tem uma característica própria, marcada por uma Geografia descritiva, pautada na memorização, na escrita, na matemática, na descrição de componentes da paisagem e do espaço sem um embasamento crítico para justificar a forma de organização deste espaço e as intencionalidades presentes. Não havia uma investigação e reflexão por trás da descrição, fato que tornava a Geografia monótona e sem um significado expressivo que justificasse a sua existência como ciência voltada para à elaboração de um saber crítico.

1.1. A Geografia Clássica e o ensino de Geografia

Nos primórdios da Geografia escolar brasileira os materiais didáticos possuíam grande importância no processo de ensino. Eles eram confeccionados a partir de métodos e conteúdos geográficos fundamentados na nomenclatura e com foco nas abordagens em que a memória prevalecia como princípio no processo de ensino, utilizados também no aprendizado da leitura e escrita no período colonial (ALBUQUERQUE, 2011).

Com a reforma Pombalina de 1759 ocorreram transformações de forma bem lenta na educação brasileira. A Geografia escolar nesse período ainda não estava efetivamente concretizada e ainda não fazia parte do currículo escolar (SAVIANI, 2008). Com relação aos livros didáticos, o uso dos mesmos se dava, em grande parte, através daqueles vindos de fora do país, no caso naturais de Portugal, em pequenas quantias, sendo traduções francesas e alemãs (ANGELO e ALBUQUERQUE, 2012). A Geografia passa a fazer

parte do currículo escolar brasileiro somente a partir de 1832, baseando-se na abordagem clássica, com ênfase na tradição descritiva.

No ano de 1837 ocorreu a criação do Colégio Pedro II, que gerou impactos significativos na Geografia escolar nacional, pois o currículo desse colégio passou a ser referência nas escolas secundárias do país, porém, contrapondo muitos estudos sobre o histórico do ensino de Geografia. Maia (2014) afirma que existiam outras referências para essa disciplina, que já era autônoma antes de sua institucionalização, sem existir sua correspondente a nível superior. Nesse ano também ganhou força a discussão sobre a institucionalização da Geografia como disciplina escolar (ROCHA, 1996 apud ALBUQUERQUE, 2011), que foi concretizada apenas em 1930, quando de fato, se instituiu a disciplina de Geografia no âmbito escolar[4].

Sobre a constituição do saber geográfico escolar, podemos destacar a primeira obra elaborada que reforça a característica descritiva da época. Albuquerque (2011) aborda que o primeiro livro de Geografia do Brasil foi o *Corographia Brasilica*[5], escrito em 1817, no qual basicamente constituído de levantamento de dados históricos, características naturais e limites territoriais das províncias, cidade e vilas, sem conter especificamente finalidades educacionais.

Essa obra era marcada por uma concepção conservadora do autor, e serviu como fonte bibliográfica (escassa na época) para outros autores de livros didáticos. Estas compilações eram importantes nesse período, mesmo a Geografia do Brasil ainda se caracterizando como levantamento de dados estatísticos, de nomenclaturas dos lugares e províncias, muito influenciado pela obra de Casal, que se manifestava também em grande parte da elaboração dos livros didáticos brasileiros. Um problema recorrente na época (início do século XIX) é que os conteúdos disponíveis em grande maioria, eram livros estrangeiros traduzidos para o português e devido a isto essas obras apresentavam caracterizações de seus países de origem (Europa), não comtemplando a realidade brasileira, como aponta Albuquerque:

> É preciso reconhecer que os primeiros manuais do século XIX traziam poucos conteúdos sobre o Brasil. Eles centravam suas abordagens sobre a Geografia geral. Nesta perspectiva, tratavam de Geografia matemática, Geografia "antiga", cosmografia e corografia. Nesta última abordavam os continentes, dando ênfase à Europa, mas também trazendo um grande número de dados e nomenclaturas sobre a Ásia, África, América e Oceania. Alguns desses livros

[4] Todavia, o saber geográfico, ainda que em processo inicial, foi se constituindo, no século XIX, em saber escolar organizado, em uma disciplina. Considero, também, que mesmo a forma acadêmica dos cursos universitários do século XX viria a ser resultado da versão escolarizada do século XIX (MAIA, 2014, p. 18).

[5] Autor: Padre Manuel Aires de Casal.

> dedicavam-se especificamente ao estudo detalhado dos países europeus. Em linhas gerais, destacavam a nomenclatura de países e principais cidades, rios e montanhas, classificações de climas, além de dados quantitativos sobre a população (ALBUQUERQUE, 2011, p.30).

A partir das décadas de 1870 e 1880, Bittencourt (1993 *apud* ALBUQUERQUE, 2011) destaca que existiram inúmeras críticas às traduções de livros didáticos, fato que desencadeou um processo de renovação do material didático utilizado nas escolas brasileiras, que passaram a contar com materiais e livros didáticos elaborados nacionalmente.

Após esses episódios as editoras de livros estrangeiros destinados ao Brasil passaram a incorporar conteúdo voltado para a realidade nacional, tal fato se deve também ao aumento das escolas primárias e principalmente à oficialização da disciplina Geografia pelo Colégio Pedro II. Como consequência, a produção de livros didáticos nacionais foram aumentando gradativamente, porém, com características diferentes de outrora, apresentando conteúdos de forma mais abrangente aos temas dedicados ao Brasil, destinados a Geografia escolar em sua integridade. Quanto ao método de ensino-aprendizagem o foco era a memorização das definições de conceitos, nomes de estados, capitais, países, cidades, e características físicas, como nomes de rio, serras e outros. Mesmo com críticas esse tipo de prática permaneceu por um tempo significativo, sendo somente abandonada nos livros, perdurando, em maior ou menor grau, até nas práticas escolares do século XXI (ALBUQUERQUE, 2011). Porém, Maia (2014) salienta que,

> As críticas ao saber mnemônico e as representações criadas entorno de uma Geografia despreocupada com a pátria e a nação não correspondiam à realidade. Os dados indicam que havia uma intenção evidente no conhecimento a respeito dos limites internos do território brasileiro, bem como de suas riquezas e cultura do seu povo (MAIA, 2014, p. 156).

Havia um reconhecimento social da disciplina e de ideia de Brasil, que se manifestava através do reconhecimento do território brasileiro, e do mundo, saber este, que era sinônimo de Geografia (MAIA, 2014).

Algumas mudanças sutis relativas às publicações foram efetuadas no final do século XIX e início do século XX, as mesmas ocorreram na maior parte das publicações. Esses acontecimentos acabaram em parte deslegitimando os métodos sob o modelo de catecismo, em forma de memorização. Delimitou-se as partes dos conteúdos que correspondiam ao professor e outra que correspondia ao aluno. A essência do método ainda era a mesma, mas passou-se a abordar conceitos junto aos textos. O modelo de produção de textos e demais conteúdos se pautou numa nova configuração e na descrição, algo que tinha como referência algumas produções científicas da época.

As publicações dos livros didáticos no início do século XIX acabavam contendo poucas ilustrações, pois os mapas da época confeccionados no Brasil apresentavam muitos erros em sua elaboração, passando a ser utilizados com maior frequência somente com a difusão e melhoria em suas produções. Os livros publicados no final do século XIX e início do XX passaram a conter maior diversidade de ilustrações, Atlas e outros recursos que remetessem à aspectos naturais, tanto em livros destinados ao ensino primário como para o secundário, o que ajudava na compreensão dos conteúdos (ALBUQUERQUE, 2011).

Seguindo os rumos das mudanças, com " a institucionalização dessa disciplina e a introdução de conteúdo específico sobre o país, houve por parte de algumas províncias, a exigência da escola primária de trabalhar a Geografia local ou corografia" (ALBUQUERQUE, 2011, p.34), abordando aspectos físicos, sociais, econômicos e políticos. Esses eventos mostram que a produção de livros didáticos para o ensino de Geografia se caracterizava de forma que difere de sua ciência de referência (ainda não consolidada), que teve grande desenvolvimento no final do século XIX, no entanto havia relação com o saber geográfico produzido extraclasse (ALBUQUERQUE, 2011).

Essas práticas eram alvos de críticas devido ao conservadorismo que se perpetuava na produção e abordagem dos livros didáticos, que eram apoiados pela influência direta e/ou indireta de uma sociedade que não concordava com mudanças efetivas. Até existiam alguns livros cujos títulos aludiam à Geografia Moderna, porém o corpo do trabalho não condizia com a mesma, uma vez que permaneciam práticas perpetuadas nas escolas brasileiras até a contemporaneidade. Assim sendo, o ensino da Geografia escolar passa a ser regido pela relação da prática didático-pedagógica e os livros didáticos.

1.2. A Geografia Moderna e o ensino escolar

No início do século XX, a relação entre Geografia Moderna e Geografia escolar não se realizava de forma harmônica e efetiva, pois quase não existia produção acadêmica no Brasil. Em virtude disso, a Geografia Moderna fosse inserida no âmbito nacional a partir da Geografia escolar e, a partir daí se teve a introdução do fazer científico. Devido a tal episódio é necessário discutir acerca das contribuições de Delgado de Carvalho[6], pois o mesmo foi o principal precursor de algumas mudanças no ensino e produção dos

[6] Geógrafo e professor francês.

livros didáticos que tinha como objetivo efetuar a renovação da Geografia escolar (ALBUQUERQUE, 2011). Vlach elucida que:

> Pelo fato de a prática pedagógica em sala de aula poder ainda ser caracterizada pela profunda distância entre método e conteúdo, entendemos pertinente uma análise preliminar daquilo que esse autor compreendia como uma necessidade urgente e imperiosa: tornar a Geografia uma ciência, o que a seu ver não seria obtido fora do âmbito da instituição escola; assinalando, assim, relações inextricáveis entre ensino e ciência Geografia [...] (VLACH, 1989, p. 149 *apud* ALBUQUERQUE, 2011, p. 42).

Outra motivação para a efetivação de mudanças foi devido ao papel exercido pela Geografia escolar, principalmente no ensino primário. De acordo com Santos (2005, p. 9) " (...) a escola primária era considerada o caminho para regenerar a nação brasileira. Dentro dela, a geografia era tida como a disciplina que maior possibilidade teria de mostrar as grandezas naturais e os progressos produtivos e econômicos do país (SANTOS, 2005, p. 9). Diante dessas características, seria possível despertar nos cidadãos os sentimentos de pertencimento à pátria, nacionalismo, patriotismo, civismo. Assim acreditava-se que se a população internalizasse esses sentimentos o Brasil se tornaria um país melhor, mais instruído, rico, produtivo e saudável.

Vemos que também existia a ambição por parte do Estado em estimular a população um sentimento de pertencimento, nacionalismo e patriotismo; perante a esse objetivo, a escola passa a ser ponto chave do processo. Vale ressaltar, porém, que nesse período ainda não existiam cursos formadores de professores de Geografia. Como consequência, as aulas eram ministradas por pessoas que tivessem afinidade com os conteúdos e certo domínio, ainda que sem formação adequada. Outra crítica feita por Delgado de Carvalho está relacionada à carga horária menor da disciplina no ensino secundário sendo praticamente insignificante, sob a desculpa da má qualidade dos livros didáticos.

Havia a necessidade de alterações desses moldes. Delgado de Carvalho propunha que os conteúdos ensinados fossem iniciados com temáticas próximas da realidade dos alunos. Para que isso ocorresse era necessário ter a Geografia Moderna como fundamento. Carvalho (1925) deliberava que:

> A finalidade deste ensino é o estabelecimento elementar, mais claro e permanente, das relações entre a terra e o homem. E, por conseguinte, duplo o critério que vem sendo adoptado entre nós, no ensino de Geografia primaria: o alargamento gradual dos conhecimentos geographicos desde os pontos mais próximos e mais familiares até aos mais afastados e complexos e a necessidade de ficarem todas as explicações e descripções em redor do factor humano, desde o homem isolado até ao homem em sociedade, em nação e em diferentes continentes. (CARVALHO, 1925, p.48 *apud* ALBUQUERQUE, 2011, p.45).

Uma das maiores contribuições desse autor para a Geografia brasileira foi a adoção de uma regionalização com fundamentos de base científica. Os livros didáticos passaram a conter abordagens numa perspectiva regional e não mais por Estados como em outrora. Esse tipo de abordagem trazido ao Brasil compunha o debate da academia europeia, existindo relações entre as abordagens francesa e alemã, e em sua análise apresentava proposições inglesas e norte americanas, assim, estabelecia-se a relação entre ciência de referência e a Geografia escolar, sendo esta a dimensão prática da primeira (ALBUQUERQUE, 2011).

Seus livros não foram difundidos facilmente pelo Brasil, sendo assim, as propostas de Delgado de Carvalho foram aceitas em parte pelo território nacional, porém suas contribuições foram muito importantes para a Geografia escolar e colaboraram para implantação de uma Geografia científica no país, passando a existir a relação entre o saber escolar e o acadêmico, mesmo antes de sua institucionalização, episódio que impactou de forma direta na produção escolar.

Outro destaque foi a mudança na abordagem contida nos livros didáticos, que passaram em grande maioria a ter um foco regional após os anos 1930, algo que difere da abordagem focada na divisão estadual nacional. “No período entre os anos de 1940 e 1970 os discursos em torno da Educação foram reforçados como condição para o desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2018, p. 144). Essas condições impactaram de várias formas, visto que, com a criação de cursos superiores de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os debates sobre regionalização foram influenciados sobre a nova perspectiva, acompanhados pelos livros didáticos, que posteriormente sofreram modificações e passaram a abordar novos modos de regionalização. Na implementação dessas mutações alguns professores tiveram dificuldades para se adaptar e utilizar livros didáticos formulados por Delgado de Carvalho. De modo geral pode-se afirmar que ele trouxe muitas mudanças e inovações para a Geografia escolar brasileira, porém, não se pode afirmar que essa renovação se deu efetivamente em toda a rede de ensino escolar do Brasil (ALBUQUERQUE, 2011).

Apesar dessas modificações, ainda foram necessárias outras, marcadas “pelos movimentos críticos tanto no nível acadêmico, como pela sociedade em geral, bem como pelas reinvindicações pela abertura democrática e mudanças de paradigmas” (OLIVEIRA, 2018, p. 145) que ocorreram à partir da década de 1980[7], caracterizados

[7] Oliveira (2018) destaca alguns livros como, **“A Geografia do aluno trabalhador”** (de Márcia Spyer Resende) e **“Para onde vai o ensino de Geografia?”** (de Ariovaldo Umbelino de Oliveira). Neles, os

como “movimento de renovação da Geografia” (acadêmica e escolar). Esse episódio tinha como marco importante a disputa eminente pela hegemonia entre uma Geografia de caráter tradicional (estruturada desde o início do século XX), com outra vertente, a chamada Geografia nova, com caráter crítico. Esta última buscava deslegitimar o caráter utilitário e a ideologia tradicional, combatendo também sua falsa neutralidade do pensamento geográfico, que rebatiam na sala de aula. O principal intuito era a busca pela análise e compreensão do espaço, de modo a considerar sua historicidade e sua relação dialética com a sociedade (CAVALCANTI, 2010). A autora assinala que:

> O “movimento” da década de 1980 também focava o ensino de Geografia, procurando atribuir maior significado social a essa disciplina escolar. Questionava-se a estrutura dicotômica, fragmentada (composta por “partes estanques”) do discurso da Geografia escolar (de um lado, apresentavam-se os fenômenos naturais e, de outro, os humanos). A proposta era de uma nova estrutura, cujo eixo era o espaço e as contradições sociais, orientando-se pela explicação das causas e decorrências das localizações de certas estruturas espaciais.
> Na década de 1990, no contexto sociopolítico, científico e educacional de crise e de ampliação dos referenciais interpretativos da realidade, as orientações para o trabalho docente com a Geografia foram se reconstruindo. Surgiram propostas alternativas, mais articuladas a orientações pedagógico-didáticas, definindo diferentes métodos para o ensino de Geografia. Com essas novas orientações, reafirmou-se o papel relevante da Geografia na formação das pessoas e reconheceu-se que mudanças relacionadas ao cotidiano espacial de uma sociedade globalizada, urbana, informacional, tecnológica requerem uma compreensão do espaço que inclua a subjetividade, o cotidiano, a multiescalaridade, a comunicação, as diferentes linguagens do mundo atual (CAVALCANTI, 2010, p. 5).

Devido a estas mudanças, nas décadas de 1990 e 2000 também ocorreram alterações no âmbito da pesquisa relacionada ao ensino na graduação, pós-graduação, assim, muitas pesquisas passaram a ter o enfoque nas temáticas relacionadas ao ensino de Geografia, aspecto que colaborou para o aprofundamento teórico sobre a prática de ensino. Tais abordagens no ensino de Geografia nacional tiveram por objetivo a compreensão desse processo com a finalidade de se obter e indicar formas de abordagem que promovessem melhorias na prática de ensino, com o objetivo de dar melhores subsídios para a formação do cidadão crítico (CAVALCANTI, 2010).

1.3. A Geografia na contemporaneidade e os desafios do professor de Geografia no Brasil

Na contemporaneidade é sabido que a docência tem sido considerada como tarefa árdua em muitas escolas devido à problemas estruturais, políticos e outros. Essas

---

conteúdos tinham como preocupação abordar a Geografia à partir da realidade social, focando nos sujeitos como atores produtores de conhecimento sobre o espaço.

condições muitas vezes, têm impactado de forma negativa na educação fazendo com que a carreira do profissional docente se torna cada vez mais desafiadora no âmbito nacional. Esses fatos têm provocado um sentimento de desvalorização devido a diversos aspectos, que de modo geral, ocorrem de forma mais evidente na rede pública de ensino escolar (CAVALCANTI, 2010).

Cavalcanti (2010) aponta a falta de estrutura expressiva da rede pública de ensino, a indisciplina por parte dos alunos, os baixos salários e outros. Todos esses fatores acabam gerando certa desmotivação para que pessoas optem por se inserir e/ou seguir na carreira docente, principalmente devido à remuneração, que na grande maioria dos casos não é satisfatória, pois uma grande parcela dos professores tem que trabalhar em dois cargos e enfrentar duras rotinas para complementar a renda.

Diante das adversidades, é possível encontrar comportamentos e atitudes diferentes entre os professores de Geografia. Segundo Cavalcanti (2010), nem todos os professores buscam melhorias, ou seja, se acomodam em suas "zonas de conforto" e continuam efetuando práticas pautadas no ensino tradicional não reflexivo, que na maioria dos casos se caracteriza como repetitivo, rotineiro e enfadonho por não estar relacionado com a vivência dos educandos, fato que torna a Geografia pouco atrativa aos alunos. Ao mesmo tempo existem aqueles que efetuam práticas de forma tradicional e conseguem efetuar aulas críticas, reflexivas, produtivas e atrativas, por possuírem boa didática e delimitarem objetivos e métodos adequados. Também existem aqueles que buscam sair desse modelo e pautam suas aulas em práticas baseadas na utilização de recursos pedagógicos variados e diferentes linguagens, que se tornam complementares ao uso do livro didático, quadro e giz, na busca de um aprendizado significativo e que extrapole a rotina da sala de aula baseada em decorar conteúdos (CAVALCANTI, 2010).

Independente da forma como o professor efetua sua prática de ensino, a eficácia não depende do molde e/ou ferramenta que se utiliza e sim de como o docente se apropria dos conteúdos. Uma aula significativa não depende somente dos recursos pedagógicos e linguagens que o professor utiliza, o mesmo tem que alinhar método e metodologia que aplica em sala de aula para atingir os objetivos necessários para uma prática crítica e reflexiva (SANTOS, COSTA e KINN, 2010). Porém, na atualidade, grande parte das práticas estão voltadas à formação para o mercado de trabalho e não para a formação do cidadão crítico. Na escola atual, uma parcela significativa dos professores tem atuado de forma que não condiz com a prática crítica, ocorrendo apenas a reprodução do conhecimento já instituído, ou seja, muitos docentes apenas repassam os conteúdos e os

alunos os memorizam, tornando os educandos meros “depósitos” de conhecimento (FREIRE, 1968). Pontuschka, Paganelli e Cacete ressaltam que na era da globalização;

> Muitas linguagens e tecnologias que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetraram em sala de aula. O debate sobre seus limites e possibilidades precisa ser realizado com certa urgência, para que os professores possam utilizá-las criteriosa e criticamente na prática de sala de aula (2007, p. 39).

Vemos que algumas práticas têm moldado alunos para atender as demandas do mercado de trabalho, não havendo a produção do saber, e sim apenas reprodução do conhecimento pré-existente. Segundo Patto:

> Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (PATTO, 1997, p. 62).

No caso, o educador será sempre o detentor do conhecimento, mantendo uma posição fixa e irredutível, desprezando o conhecimento prévio do educando, desvalorizando saberes de sua vivência, estimulando ainda mais a contradição existente na sociedade contemporânea. Esse modelo de educação está atrelado fortemente aos problemas estruturais e também ao uso dos manuais pouco didáticos como única ferramenta de auxílio nas práticas docentes no ensino escolar. Essa situação tem sido agravada devido a um conjunto de outros fatores, o que acaba interferindo no aprendizado do aluno, pois a forma de uso do livro didático vem determinando o quê e/ou como se ensina os conteúdos obrigatórios.

Partindo para uma análise entre o aluno e o livro didático, nota-se que existe uma “distância” entre ambos, que ocorre também no ensino de Geografia. O distanciamento diz respeito à falta de abordagem de conteúdos relacionados ao cotidiano dos alunos, suas especificidades, cultura e espacialidade, isso acaba por não despertar no aluno a curiosidade. “A geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração” (BRABANT, 2008, p.15).

Observa-se que a Geografia escolar tem se tornado abstrata em demasia, colaborando para o desinteresse dos alunos perante seus conteúdos, gerando a dificuldade de compreensão dos mesmos e sua assimilação perante a realidade. Tal ocorrência tem descumprido com as responsabilidades da Geografia, que seria a “formação do professor pesquisador, que, com sua postura, eduque seus alunos para

serem pesquisadores, observadores, identificadores e analisadores de problemas e buscadores de soluções" (PASSINI, 2001, p. 38).

Diante do papel atribuído à Geografia vê-se a necessidade de se discutir a respeito da prática e método de ensino no contexto atual da disciplina, que se encontra em um mundo que tomou as mais variadas formas, ocorrendo assim o incremento de novas tecnologias, que promoveram o aperfeiçoamento das técnicas, ciência e informação que circulam quase que em todo o globo, tornando-se globalizado, no qual o todo influencia no particular e vice-versa.

A ênfase seria proporcionar o ensino integral do estudante, na dimensão dos "conteúdos de caráter cognitivo (o saber), também e sobretudo, os comportamentais (saber fazer) e as atitudes e valores (o ser)" (SCHAFFER, 1998, p.107). Porém, segundo Straforini,

> O que temos na verdade, são intenções educativas construtivistas numa Geografia Tradicional e intenções da Geografia Crítica numa Educação Tradicional. Não acreditamos que a coexistência de métodos tão díspares possa produzir ideias e a coexistência da necessidade de superação das desigualdades sociais brasileiras. Nesse sentido, pensamos que somente com a união da Geografia Crítica com o Construtivismo poderemos fazer da Geografia uma disciplina forte e transformadora (STRAFORINI, 2008, p.24).

É de extrema valia discutir acerca da utilização de recursos pedagógicos alternativos no ensino como forma para buscar modificar as práticas de ensino que não atendem às necessidades dos educandos. Para tanto, o método é essencial, pois o que se objetiva é a educação reflexiva, crítica e significativa aos alunos, fato que possibilita tornar a escola o local da produção do conhecimento e do saber e não o lugar para o repasse dos conteúdos presentes nos currículos obrigatórios e a simples memorização destes. "O professor, pensando nessa perspectiva é menos aquele que professa um conhecimento instituído e mais aquele que produz um saber instituinte" (NETO, 2001, p.116). Complementando esse ideal, Santos e Chiapetti abordam que:

> Para a construção do conhecimento, é necessária uma relação do sujeito aprendente com o seu objeto de conhecimento e, nesse sentido os professores devem ser os mediadores da aprendizagem. Não existem mais espaços para aulas centradas apenas no quadro-negro (ou branco) e no livro didático. Os professores devem lançar mão de outras ferramentas pedagógicas para tornar o ensino mais atraente e prazeroso e relacioná-lo ao dia a dia dos alunos (2011, p. 168).

Dialogando com o trecho citado vemos que para a produção do saber crítico, a incorporação de recursos pedagógicos diversificados aliados a um método que trabalhe com a criticidade na prática docente apresenta potencialidades para melhorar a qualidade

do processo de ensino-aprendizagem. Sobre esse aspecto Cavalcanti (2010) menciona que para a grande maioria dos professores falta a devida clareza sobre a cognição, ou seja, quais os processos que interferem de forma efetiva nos alunos. Como consequência, os docentes passam a atribuir aos educandos a responsabilidade pela motivação, e acabam por esperar que ela venha deles e das vivências externas à escola e à sala de aula.

Percebe-se que muitos professores atribuem aos alunos o dever de encontrar nas aulas a motivação, porém deve-se salientar que o grande responsável por gerar o interesse do aluno, deve vir da atitude do profissional docente, seu papel não deve ser atribuído apenas à elaboração das aulas e repasse dos conteúdos obrigatórios, e sim proporcionar o entendimento claro e conciso ao aluno sobre a importância de se aprender determinados conhecimentos geográficos. Outra questão importante levantada por Cavalcanti:

> (...) é a necessidade de reconhecer as vinculações da espacialidade das crianças, de sua cultura, com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos da Geográfica, com o cotidiano da sala de aula e de todo o espaço escolar. Alguns projetos inovam porque partem do pressuposto de que não basta manter as crianças e os jovens dentro dos muros da escola; é necessário que ali eles possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e que sejam respeitados nesse processo (CAVALCANTI, 2010, p. 2).

Portanto isso perpassa por profissionais engajados em se apoderar do espaço escolar, espacialidade dos educandos e alinhar ao conteúdo, visto que o ambiente escolar deve ser atrativo e deve cooperar para as didáticas de ensino se tornarem efetivas, estabelecendo o vínculo com o aluno.

Reforçando a ideia de que os professores na contemporaneidade enfrentam numerosos desafios, Cavalcanti (2010) elenca alguns destes e discute sobre elementos teórico-práticos que podem orientar o trabalho docente. Sobre a aprendizagem em Geografia, a autora reforça o fato de que “atrair” seus alunos na sala de aula está se tornando algo difícil, pois,

> Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas (CAVALCANTI, 2010, p. 3).

Nesse âmbito as dificuldades enfrentadas pela classe docente têm sido discutidas nas várias áreas do conhecimento educacional, assim a didática assume papel de destaque.

“Por didática, compreende-se um campo do conhecimento que se ocupa da reflexão sobre o processo de ensino, entendido como uma prática social, dinâmica e subjetiva, não limitada a uma correta aplicação de regras gerais e procedimentos” (CAVALCANTI, 2010, p. 3). Na Geografia, a didática tem por objetivo:

> (...) analisar a dinâmica do ensino dessa matéria: elementos constitutivos, condições de realização, contextos e sujeitos, limites e demandas. Sua contribuição é produzir conhecimento amplo do ensino e dos fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia escolar, seus princípios epistemológicos, subsidiando assim a atuação docente consciente e autônoma CAVALCANTI, 2010, p. 3).

Nesse contexto, a didática e o aspecto cognitivo se tornam importantes para auxiliar o professor atuar como mediador que explicita a importância da Geografia no cotidiano e que aborde a realidade, inserindo o aluno como sujeito desse processo. Vemos que é fundamental a formação integral das pessoas, reconhecendo seu cotidiano em uma sociedade globalizada, marcadamente urbana e tecnológica, fato que torna a compreensão do espaço extremamente necessário.

Diante da necessidade de tornar o aluno sujeito do processo através da abordagem multiescalar, o “lugar” assume papel importante no tratamento dos conteúdos geográficos, pois os fenômenos ao mesmo tempo que ocorrem no mundo, acontecem também temporal e territorialmente no local. Trabalhar esses fenômenos de forma crítica, a partir do lugar do sujeito (aluno), compreendendo sua realidade, permite maior identificação com os conteúdos geográficos, porém, na prática isso não ocorre de modo efetivo. Segundo Cavalcanti (2010), na maioria dos casos só ocorre sua abordagem em “início de conversa”, funcionando apenas como uma forma de fazer com que os alunos tenham o mínimo de interesse e participação e não como uma referência constante do processo, pois parece não existir “clareza sobre a articulação entre os saberes sobre os lugares em que se vive e os princípios teóricos e o instrumental conceitual para pensar esses lugares” (CAVALCANTI, 2010, p. 6), as aulas ainda seguem os estilo tradicional dando preferência ao repasse dos conteúdos sistematizados presentes nos livros didáticos e currículo.

Diante do contexto atual e dos desafios no ensino de Geografia nacional mencionados, cabe somarmos esforços às reflexões sobre as práticas de ensino. Perante isso, no capítulo seguinte discutimos a respeito do uso de diferentes linguagens no ensino geográfico.

2. A PRÁTICA DOCENTE: O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

2.1. Percepções sobre o uso das diferentes linguagens na Geografia atual

> O termo 'diferentes linguagens' aponta para uma necessidade de versatilização e diversificação dos materiais utilizados no ambiente escolar. E nesta esteira aponta, também, para a superação da supremacia da linguagem verbal (oral e escrita) no ambiente da sala de aula.
> Também se pode dizer que esta intensificação da presença de outras linguagens no ensino de geografia se deve à crise da crença na (supremacia da) linguagem cartográfica como melhor arcabouço linguístico para dizer do espaço geográfico contemporâneo, em sua intensiva reticularização e em suas aceleradas mudanças de escala. (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI, 2011, p. 1).

Nesse contexto as diferentes linguagens servem como um recurso complementar à linguagem verbal, constituindo-se em instrumentos didáticos que abrem possibilidades para tornar as aulas mais prazerosas, lúdicas e afinadas à cultura dos alunos.

Na visão de Oliveira. Jr e Girardi (2011), as linguagens têm apresentado duas características principais em sua abordagem, no qual a primeira seria como comunicação/ensino: criativa. Nessa perspectiva das diferentes linguagens assumem o papel principal de comunicar, que podem gerar impactos positivos no processo de ensino como; promover motivação, maior sucesso na apreensão de conteúdos, ampliar a participação dos educandos nas aulas, e etc. Neste viés, o produto da comunicação seria dar subsídios à obtenção de informações por meio da identificação, análise, interpretação e reprodução de elementos. O entendimento que se tem é que nessa perspectiva a objetivação é a de apresentar o "como fazer" educativo, a ênfase é na didática ou metodologias de ensino, deixando em segundo plano a reflexão acerca das motivações sobre o de que se deve ensinar. A ideia de linguagem neste âmbito aparece em grande medida como sinônimo de recurso didático, no qual os autores destacam que além,

> (...) o processo comunicativo pressupõe um "antes" e é representacional por natureza. Assenta-se num fundamento ontológico que pressupõe um mundo à disposição para ser conhecido, e o produto de uma determinada linguagem, cujo conteúdo "está para" este mundo, é que possibilita a aproximação do conhecimento sobre a verdade do mundo.
> Podemos dizer que a concepção (...), é a educação tomada como ensino e aprendizagem (mais fortemente ensino, pois focada no professor e suas práticas de transmitir), uma vez que (...), apresenta formas, materiais e/ou caminhos a serem seguidos pelas práticas docentes de ensinar algo já sabido a alguém que ainda não sabe (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI, 2011, p. 3).

Portanto, segundo as reflexões apresentadas acima, fica evidente que as práticas que envolvem esse modo de ensino caminham para abordagens com ênfase na reprodução do conhecimento já estabelecido através de recursos didáticos tidos como mais efetivos. Assim vê-se que não há a problematização do que está sendo ensinado, pois o foco é

repassar o que é necessário para se obter o conhecimento geográfico do mundo contemporâneo. Deste modo, Oliveira Jr. e Girardi (2011) classificam esse tipo de trabalho como “criativos”, de modo que a criatividade é alcançada por conter práticas docentes que se apoderam das diversas linguagens para motivar os educandos no processo de ensino.

A segunda característica que as diferentes linguagens vêm assumindo no ensino de Geografia seria a linguagem como expressão/produção: criadora. Nesta concepção, vemos que o foco difere da ótica anterior. Existe o intuito de efetuar a problematização no ato de ensinar, fugindo da ideia de encarar tal processo como ato comunicativo. Há o intuito de viabilizar novas produções de mundo, e assim, quando se segue essa linha de pensamento é fundamental que ocorra o questionamento sobre o próprio conteúdo à ser trabalhado. Quando se envolve esses recursos na prática docente é importante compreende-las não somente como procedimento de comunicação, mas sim como processo de produção de pensamento sobre o espaço (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI, 2011).

> Neste encaminhamento, não é somente o conteúdo do produto das linguagens que está em evidência, mas a própria natureza das linguagens, os modos como operam, o que mobilizam, ao que dão língua. Em outras palavras, as próprias linguagens são tomadas como obras humanas nas quais se pode ou não, se consegue ou não dizer algo. A escolha de uma linguagem para dizer alguma coisa, para criar alguma coisa é já uma escolha que definirá o conteúdo que será dito. Forma e conteúdo não se desgrudam, não se separam, mas antes se coadunam na gestação de pensamentos e obras (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI, 2011, p. 4).

Dialogando com os autores, identifica-se que há relação intrínseca entre linguagens e produção de pensamento, e que por trás disso, quando se propõe algo através do seu uso existe uma intencionalidade sobre o que se quer realizar. Portanto esse exercício em si, já é um ato de problematização de qual conhecimento geográfico se objetiva construir com os educandos. Esta é a educação “dispersa pela cultura, produzindo um pensamento educativo que se desloca do universo da didática e das práticas de ensino para as preocupações curriculares e para os percursos educativos” (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI, p. 5).

Deste modo vê-se a importância de não praticar apenas o repasse dos saberes já instituídos. As práticas de ensino devem focar no objetivo de tornar os alunos seres pensantes e capazes de produzir conhecimentos através da análise e interpretação do espaço geográfico, sendo possível através da problematização e questionamento sobre os motivos de se trabalhar determinados assuntos nas aulas com a linguagem verbal (oral e escrita) em conjunto com as diferentes linguagens, ou seja, variar o método de ensino,

tornar a sala de aula um espaço menos “engessado” e mais versátil, atraente aos olhos dos educandos. Esse processo é algo difícil na prática, mas que deve ser levado à sério, pois é mais um elemento que pode trazer importantes contribuições à educação geográfica nacional.

2.2. Diferentes linguagens e a relação com o processo de ensino-aprendizagem

O uso das diferentes linguagens emerge como uma forma alternativa para a auxílio no ensino, podendo servir como fonte de motivação aos alunos, que “vivem em um mundo de complexas transformações socioeconômicas, tecnológicas, políticas, e vão para a sala de aula cheios dessas expectativas e agitações. Por outro lado, nem sempre encontram na escola um ambiente agradável e motivador” (SANTOS, R. C., e CHIAPETTI, 2011, p.168). Nesse contexto é importante refletir sobre a utilização das diferentes linguagens que complementem a verbal, a escrita e não escrita, e outros instrumentos técnicos que diferem do uso do quadro negro (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 44).

Reforçando esse contexto e a ideia da necessidade de mudanças na prática docente vemos que:

> Atualmente, o acesso às várias mídias está se democratizando. Os professores não são à única fonte de informações que a maioria dos alunos tem acesso. Estes querem e buscam formas de conhecimento motivadoras e instigantes, enquanto aqueles necessitam se adequar às novas exigências desses novos alunos. Isso não significa dizer que os professores não são mais necessários, e sim, o que não se faz necessária é a mera memorização de conteúdos, sem relevância para a vida dos alunos (SANTOS, R.C., e CHIAPETTI, 2011, p. 168).

A proposta de transformação no ensino através do uso das diferentes linguagens deve seguir um rigor teórico-metodológico. É fundamental que os docentes tenham o domínio dos recursos em conjunto com propostas político-pedagógicas adequadas para que as informações veiculadas não se tornem esparsas e sem sentido para os alunos, pois é necessário levar em consideração que “ (...) outras linguagens e recursos, sob qualquer formato, que chegam às escolas como o novo, o moderno, o atual e, como tal, são atrativos e sedutores, não resolvem, por si sós, os problemas de ensino-aprendizagem da geografia” (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 44). As novas posturas devem partir do método que busque a interdisciplinaridade e da transversalidade, com a utilização de métodos de avaliação que devem ser variados e em alguns casos, progressivos, balizados por um rigor teórico-metodológico que permita que os professores e alunos sejam sujeitos dessas transformações (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010).

Na sociedade atual, a forma como a indústria cultural se incorporou no cotidiano das pessoas impactou nos significados que a sociedade atribui ao espaço, comprometendo no modo de como se "produz" sujeitos na contemporaneidade. Devido a essa enorme quantia de informações, que servem de base e são necessárias para a formação dos indivíduos, de seus valores, conceitos, opiniões e juízos, é necessário que estes saibam lidar com os elementos e dados informacionais (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010). Portanto, apesar das dificuldades, que são inúmeras, torna-se um grande desafio se apoderar das diversas linguagens e meios de comunicação para ensinar os indivíduos à decodificar, analisar e fazer as devidas interpretações dos fenômenos para a melhor compreensão das informações presentes nos mesmos. A partir disso, há condições para que o aluno incorpore o desenvolvimento da capacidade da assimilação e do saber conviver com as novas tecnologias, que tem o potencial de promover novas modos de aprendizado de forma crítica e reflexiva (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007).

Quando se trata da Geografia escolar e o processo de ensino-aprendizagem, deve-se dar atenção aos conceitos-chave como, paisagem, lugar, região, redes, território e espaço. Estes conceitos balizadores devem ser abordados de forma condizente com as transformações tecnológicas e midiáticas, tendo como base o respeito à ética, cidadania, cultura e às diversidades (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010). Portanto,

> O ensino-aprendizagem de geografia na escola deve, então, contemplar seus conceitos-chave e as representações que os alunos trazem deles e constroem cotidianamente no mundo contemporâneo utilizando os mesmos meios que eles, de modo a proporcionar-lhes a possibilidade de refletir para, assim, poderem intervir na realidade que os cerca. Além disso, a utilização de outras linguagens e recursos didático-metodológicos pode aumentar o interesse dos alunos pela geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 45-46).

Os autores ressaltam que a utilização de outras linguagens pode servir de estímulo para motivar os estudantes. Como exemplos podemos citar as não verbais[8] e os sons[9]. Estas ferramentas podem ser associadas ou não à linguagem verbal escrita[10], que estão presentes em suportes impressos ou na internet, ou à não escrita[11]. Todas essas formas de linguagens devem ser prescindidas e/ou abordados em conjunto com a leitura e a escrita, pois as mesmas são habilidades e competências básicas presentes no ensino, que não devem ser deixados em segundo plano. As habilidades desenvolvidas através da

[8] Fotografias, filmes, desenhos, maquetes, mapas temáticos, além dos gráficos, tabelas e etc.
[9] Melodias, músicas e etc.
[10] Gêneros de textos como letras de músicas, poemas, reportagens, livros didáticos e outros.
[11] Rádio, televisão, palestras e etc.

utilização das diferentes linguagens quando associados à leitura e a escrita podem possibilitar que alunos sejam capazes de perceber e expressar formas de manifestação dos sujeitos perante os acontecimentos do cotidiano em espaços e tempos distintos, além de torná-los capazes de efetuar a relação e comparação das dinâmicas (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010)

> Assim, também os procedimentos básicos e tradicionais do estudo geográfico, como a observação, a descrição, a comparação, o registro, a análise e a síntese, tornam-se mais produtivos e podem contemplar melhor as particularidades, as diferenças, as heterogeneidades socioespaciais do mundo moderno em diversas realidades e construções (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 46).

A partir disso, vê-se que esse tipo de abordagem pode contribuir para o educando perceber como agir perante as dinâmicas do seu entorno. Nessa condição o aluno tem mais subsídios para ser um sujeito ativo na sociedade.

2.3. Desafios para a utilização das diferentes linguagens no ensino de Geografia

É importante que o ensino seja pensado como processo fundamental na transformação da sociedade e do espaço. A partir disso a utilização das diferentes linguagens funciona como um meio para tornar efetiva a compreensão das dinâmicas dos fatos geográficos (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010). Isso se torna um desafio, visto que,

> Constituir, a partir dos usos e apropriações das linguagens e recursos diversos, uma proposta de ensino é propor uma decifração de seus conteúdos históricos, culturais, espaciais, políticos e religiosos, dentre outros. Na perspectiva da geografia e de seus conceitos-chave, é preciso conhecê-los e compreendê-los para associá-los ao conteúdo, por exemplo, dos filmes, que trazem representações por imagens em movimento e sons do fato geográfico (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 53).

Dialogando com os autores, quando se pretende trabalhar com essas propostas, é fundamental refletir sobre os limites e possiblidades de suas utilizações, pois não é possível constituir os conhecimentos geográficos sem a compreensão dos conceitos e representações. Deste modo, é importante encarar essas abordagens como procedimentos metodológicos, que devem ser incorporados às propostas curriculares das escolas periodicamente. Para tanto, é importante utilizar os conceitos para se ensinar os conteúdos da Geografia de forma conjunta, interligada, e não de forma compartimentada, de modo a promover a problematização e o pensamento crítico. Ou seja, é importante auxiliar o educando a decifrar os problemas de modo integral, sob a ótica de modelos criados pela

indústria cultural, que tendem a tornar a sociedade alienada (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010).

A utilização das diferentes linguagens deve ser precedida pelo cuidado de perceber as ideologias presentes por trás do recurso. Isso não deve ser considerado como empecilho para seu uso, ao contrário, é fundamental que professores e alunos os compreendam e não se submetam às condições e interesses impostos por quem os produz (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010).

> O uso dessas linguagens e recursos repletos de ideologias também não pode ser apenas uma nova maneira de a escola continuar a ser o que sempre foi com outra roupagem. A escola, o meio técnico-científico informacional e a indústria cultural fazem parte do sistema social e são, ao lado de muitos outros, dispositivos para mantê-lo e garantir sua reprodução. São dispositivos ideológicos a que os sujeitos são submetidos sem terem chance de saber, de ter consciência e de se livrarem da sujeição (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 55).

Portanto, é fundamental que a prática geográfica com o uso das diferentes linguagens seja pautada em deslegitimar as ideologias impostas na sociedade, o professor tem como desafio atuar como mediador do processo de ensino-aprendizagem, buscando adequar essas inovações metodológicas aos conteúdos, com o intuito de alinhá-los ao cotidiano dos educandos, respeitando seus conhecimentos prévios, sentimentos e valores. Por último, é importante que a escolha do recurso motive a discussão, pois essa dinâmica tende a enriquecer os momentos das aulas. Dessa forma, a utilização dessas linguagens e recursos no ensino de Geografia permite uma maior socialização do conhecimento e funciona como meio de os alunos obterem informações para interpretarem o mundo (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010). De acordo com esse viés,

> Precisamos considerar, em nossos estudos e práticas, que o ensino de geografia, constituído na perspectiva da diversidade de linguagens, dialoga com vários textos, entendidos não apenas como tal, mas como discursos que transitam nos vários ambientes: doméstico, de trabalho e escolar. Mas essas linguagens podem revelar, para os envolvidos no ensino de geografia, várias contradições, polêmicas e dúvidas sobre a valorização do lugar como espaço em que vivemos, pensamos e nos posicionamos, politicamente, em relação ao mundo (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 57).

Em linhas gerais, percebe-se que a utilização das diferentes linguagens pode proporcionar diversos benefícios ao ensino de Geografia pois, aliado à um rigor teórico-metodológico surge como uma alternativa à prática docente e a promoção do aprendizado significativo, crítico e reflexivo, que são fundamentais para a construção do saber.

Perante as exposições sobre especificidades no ensino de Geografia, no capítulo seguinte serão apresentadas entrevistas efetuadas com professores da rede escolar pública e privada da cidade de Viçosa – MG. Essa abordagem foi fundamental, pois teve o intuito de compreender e apresentar um panorama sobre quais os métodos e metodologias utilizados, investigando a visão dos docentes perante o uso das diferentes linguagens, com a finalidade de evidenciar como isso repercute nas práticas e quais os efeitos essas formas de ensino geram no aprendizado dos educandos.

3. ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE VIÇOSA-MG

Neste capítulo serão abordados e sistematizados os assuntos relacionados às entrevistas realizadas com quatro professores que atuam em na rede pública e privada de ensino de Viçosa-MG, em diferentes escolas. De modo geral o objetivo foi investigar como se dão as práticas docentes em algumas escolas da cidade, buscando analisar como o ensino de Geografia vêm sendo efetuado e se este tem sido praticado de forma significativa e crítica com os alunos.

Sobre a escolha dos professores, a princípio o objetivo foi convidar docentes desconhecidos, das redes particulares e públicas, porém devido à empecilhos como: dificuldades de comunicação, indisponibilidade de horário, e até mesmo à ausência de interesse em participar da pesquisa, entre outros, foi necessário contatar professores conhecidos, de modo que buscou-se entrevistar àqueles com pouco tempo de profissão (1 ano) e, também os que já exerciam a docência a mais tempo (de 4 à 6 anos), buscando compreender as semelhanças e diferenças entre os indivíduos e suas práticas de ensino.

As entrevistas foram feitas pessoalmente com os professores[12] Bruno, Carlos e Daniela. Com Alan, foi efetuado o encaminhamento do questionário via e-mail, no qual foram esclarecidas algumas questões, isso devido às dificuldades de marcar encontros pessoais para tais esclarecimentos, visto que todos têm rotinas à seguir. Sobre as escolas, vale ressaltar que são quatro instituições, com concepções de ensino diferentes entre si. Portanto, essas características tendem a enriquecer a pesquisa devido à diversidade presente.

3.1. Sistematização das entrevistas

Nesse tópico foram feitas as transcrições das entrevistas[13] com os professores. Para facilitar a leitura e compreensão os conteúdos foram dispostos em quadros que contém as respostas dos docentes.

Sobre as respostas é fundamental explicitar que ocorreu a transcrição da forma mais fiel possível para facilitar o entendimento. A ideia era ouvi-los e entender suas lógicas, estímulos e ideais de vida na profissão. As perguntas formuladas foram baseadas de acordo com experiências na graduação, sustentadas com referencial teórico referente ao ensino e sua validade, tendo como objetivo compreender como a educação geográfica

[12] Foram utilizados nomes fictícios, com o intuito de preservar a identidade dos professores.
[13] Através de um questionário contendo 17 questões (contida nos anexos).

se caracteriza na atualidade e os motivos que levam os docentes a optar pelas práticas adotadas.

Quadro I. 1: Em qual área você é formado? Qual o ano de conclusão? Qual o seu nível de formação e em qual instituição se formou?

Prof.	Área de formação e ano de conclusão.	Nível de formação.	Em qual instituição se formou.
Alan	Humanas, Geografia, 2011.	Pós-graduado.	Graduação e Mestrado na Universidade Federal de Viçosa.
Bruno	Humanas, Geografia, 2013.	Superior Completo.	Universidade Federal de Viçosa.
Carlos	Humanas, Geografia, 2017.	Superior Completo.	Universidade Federal de Viçosa.
Daniela	Humanas, Geografia, 2006.	Pós-graduado.	Graduação na Universidade Federal de Viçosa e Mestrado na Universidade Federal do Mato Grosso.

Vemos que todos os professores entrevistados concluíram suas graduações na Universidade Federal de Viçosa (UFV) em tempos distintos, algo que pode influenciar na forma como os mesmos efetuam suas práticas em virtude de reestruturação na grade curricular[14] do curso e dos diferentes docentes. Os professores Alan e Daniela possuem Mestrado e são os que concluíram sua formação superior há mais tempo. Os professores Bruno e Carlos possuem somente graduação. Bruno revelou que deixou apenas a monografia em aberto para concluir em um futuro incerto o Bacharelado em Geografia. Isto foi devido a ele ter sido contratado na rede privada de ensino antes de obter o título de bacharel, com isso suas prioridades mudaram. Carlos ainda está cursando o Bacharelado na UFV demonstrou interesse em fazer o mestrado na área da educação após a conclusão do curso.

[14] Catálogos das grades curriculares dos professores entrevistados. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br/anteriores/>. Acesso em: 05 de novembro de 2018.

Quadro II. 2: O que serviu de motivação para você escolher a área das ciências humanas, mais especificamente a Geografia?

Prof.	Motivação para escolher as ciências humanas e a Geografia.
Alan	A articulação conteudista que a disciplina permite, sempre me atraiu as discussões políticas da Geografia, assim como os aspectos naturais.
Bruno	Pelo fato de ser o ramo da ciência que mais me atraia desde os tempos de colégio.
Carlos	Na escola era a disciplina que mais gostava e as notas eram as melhores. A professora era muito boa e com isso fui criando mais afinidade pela Geografia. Gostava de utilizar mapas e o Google Earth para "viajar pelo mundo" e conhecer outros lugares, fato que me faz gostar ainda mais da Geografia.
Daniela	Na verdade, quando ingressei na universidade não tinha muito claro o que queria fazer, mas tinha mais afinidade com cursos de humanas e geografia era um conteúdo que sempre gostei muito no ensino médio.

Quadro III. 3: Quando decidiu ser professor (a)? Por que ser professor de Geografia?

Prof.	Quando decidiu ser professor (a).	Por que ser professor de Geografia?
Alan	Em 2010 após um projeto de extensão de ensino sobre a diversificação da paisagem e seus elementos sociais e naturais.	Ser professor de Geografia me atraiu pelo seu próprio objeto de estudo.
Bruno	Ao longo da graduação fui me aproximando e tomando gosto pela docência. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) também serviu de experiência e que me incentivou a seguir a careira, pois foi através dele que iniciei práticas de ensino nas escolas.	Por conter temáticas/discussões físicas e humanas que sempre me atraíram.
Carlos	Decidi em 2010 por ver meu professor de sociologia trabalhando, com isso eu passei a querer ser parecido com ele devido a qualidade das suas práticas de ensino.	Ele (professor de Sociologia) me incentivou falando que eu tinha vocação para a profissão, mais adiante eu decidi ser professor e escolhi a Geografia pela afinidade que tinha desde sempre pela disciplina. Também tive o discernimento de Deus através das minhas orações para ajudar na escolha.

Daniela	Decidi em 2012 após ter minha filha.	Na área em que eu atuava (geoprocessamento), trabalhar e cuidar de um bebê não estava sendo possível. Inclusive, deixei de ser contratada em uma grande empresa de geoprocessamento pelo fato de ter um bebê pequeno. A carreira de professora me possibilita passar mais tempo com as crianças.

Das respostas acima, chama a atenção Carlos explanar que o fato de ter um bom docente durante seu ensino básico foi algo que motivou seu interesse em tal ciência, algo que é de extrema importância, pois quando o professor consegue aliar boa relação com os alunos e uma prática de ensino com qualidade pode gerar um ambiente mais agradável e que estimule os educandos a atingir o aprendizado significativo, proporcionando assim melhorias no ensino, algo evidenciado por Alves (2016), que diz; "o ensinar Geografia deve tornar-se uma atividade prazerosa entre educador e educando (...)" (ALVES, 2016, p. 31). Carlos ainda enfatiza que os mapas e recursos como o Google Earth eram instrumentos que o faziam se interessar em "viajar" e ter conhecimento sobre outras realidades, algo que vai ao encontro com a articulação conteudista que Alan cita como importante na Geografia. Alves (2016) destaca que,

> (...) atividades educacionais com o uso dessas linguagens como o uso de mapas deslocam o educando da sala de aula para os diversos lugares do globo. Partindo de uma escala local para o global. É possível construir e desconstruir a realidade a partir dos diversos objetos de estudo (ALVES, 2016, p. 31).

Dialogando com o autor vemos que a Geografia representa diversas possibilidades, cabe a nós professores articular os conteúdos de forma que Geografia Humana e Física não sejam trabalhadas de modo fragmentado. Com esse tipo de abordagem o professor deve efetuar sua prática de forma que integre as várias escalas, demonstrando como a realidade dos educandos é afetada de acordo com o objeto de estudo e a escala de análise, tornando possível que o estudante compreenda sobre a importância dos conteúdos geográficos para sua vivência.

Na questão quatro vemos que as tomadas de decisão sobre ser professor variam. Alan e Bruno decidiram durante a graduação, algo que mostra que a pretensão deles anteriormente não era seguir a careira docente na Geografia. Alan decidiu ser professor após fazer parte de um projeto de extensão que envolvia fazer trabalhos de campo com alunos do ensino fundamental, abordando o conceito de paisagem e seus elementos

constituintes, suas diferenciações e características. Bruno decidiu durante o curso após ir criando afinidade, principalmente após ter participado do PIBID, que foi um programa importante para se ter o primeiro contato com a sala de aula e ter a noção de como se dá a dinâmica e rotina nas escolas.

A decisão de Carlos difere dos antecessores. Ele comentou que decidiu antes da graduação, tendo o professor como um dos motivadores para seguir a carreira. Isso mostra que o interesse pela profissão também pode ser adquirido antes mesmo de se ter uma experiência com a sala de aula. Através dessa amostra foi perceptível que existe menor interesse pela docência, alguns optam pela carreira por necessidade, outros após frequentar os cursos de formação e através da oportunidade de participar de programas e projetos que incentivam tal prática. Dessa forma, salientamos a importância de as universidades incentivarem os graduandos das licenciaturas através de programas e projetos de iniciação à docência, pois ajuda a desmistificar as representações da profissão, no qual a partir de experiências e vivências da realidade escolar os graduandos podem tirar suas próprias conclusões sobre seguir ou não na carreira.

Quadro IV. 4: Em qual rede de ensino você atua? Em quantas escolas e com quais séries trabalha? Há quanto tempo exerce a profissão?

Prof.	Locais e séries que trabalha.	Tempo de profissão.
Alan	Trabalho em duas escolas com 6º ano, 7ºano, 1ª série do ensino médio na rede privada e Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede pública estadual.	Exerço a profissão há 5 anos.
Bruno	Rede privada. Trabalho em 3 colégios e 1 cursinho. Trabalho do sexto ano ao Pré - ENEM.	Exerço a profissão há cerca 4 anos.
Carlos	Atuo na rede estadual de ensino. Trabalho com alunos do 6º e 7º ano.	Exerço a profissão há 1 ano.
Daniela	Trabalho apenas na rede estadual atualmente e em uma única escola. Trabalho com turmas de Ensino Médio.	Trabalho como professora há 6 anos.

Quadro V. 5: Após esse tempo de profissão, qual o balanço geral você faz dela? Você gosta de ser professor (a)?

Prof.	Balanço que fez da profissão até o momento.	Gosta de ser professor?
Alan	Observei poucos progressos na profissão, em vias de formação, meios de trabalho e reconhecimento. Precisamos diariamente de recursos e incentivo, todavia, a essência da profissão retroalimenta diariamente nossa responsabilidade enquanto educadores.	Sim, a profissão é muito bela, importante e desafiadora.
Bruno	A rotina é muito cansativa, ser professor não se resume a sala de aula, ou seja, trazemos muito trabalho para casa, porém, creio que estou me adaptando com o tempo.	Sim, gosto da minha profissão.
Carlos	A profissão é difícil e cheia de desafios, é cansativo conciliar o cargo de professor e o restante da graduação do bacharelado da Geografia.	Gosto muito, quero ser professor até me aposentar.
Daniela	Faço um balanço positivo, apesar da profissão ser tão desvalorizada. Como profissional sinto que me aperfeiçoei ao longo do tempo, melhorei o domínio dos conteúdos e de turma.	Quando decidi trabalhar como professora me sentia mal com isso, pois não era esse meu objetivo profissional, mas com o tempo passei a gostar de trabalhar em sala de aula, mesmo com tantas dificuldades.

Existe variedade nas instituições em que os entrevistados trabalham. Todos destacam que ser professor não é um “mar de rosas”, é cansativo, difícil, desafiador, existe a desvalorização da classe, existem problemas na formação, na estrutura e suporte ao docente, mas algo em comum entre os entrevistados é que todos afirmam que apesar dos desafios inerentes à docência, gostam de ser professores. Mesmo que não tenha sido a escolha que fizeram logo de imediato para a vida, todos dão importância ao que fazem e isso é fundamental na atualidade, os docentes tem que se reinventar a todo momento e buscar meios que os motivem a superar as barreiras que surgem ou que são impostas ao longo da carreira, esse é um passo importante para sair da zona de conforto para buscar condições que permitam a prática de ensino de qualidade. Quando temos professores

frustrados e desmotivados nas escolas, que não gostam do que fazem as consequências são enormes para o ensino:

> (...) que acaba por desmotivar também seus alunos, que sequer buscam se esforçar em determinada matéria, pois sabem que não serão reprovados, os deixando em uma zona de conforto prejudicial ao seu aprendizado.
> O professor desmotivado não pesquisa inovações, não busca melhorar o rendimento da turma, não se preocupa com os que têm notas baixas, ou com os que são desinteressados, ele apenas está ali pensando em seu salário no fim do mês ou nas contas para pagar. Os alunos saem prejudicados, por não ter estímulos para um bom aprendizado e por perder a oportunidade de ter uma base concreta de conteúdos importantes para seu futuro escolar.
> O professor desmotivado não vê esperanças na melhoria da educação e também não se vê como agente dessas melhorias educacionais, o que prejudica a formação de alunos que estão dispostos a aprender e piora os casos dos que são desinteressados por si só (SANTOS, A.V e MAMEDIO, 2016, p. 6).

Portanto identifica-se que quando o professor se torna desmotivado e insatisfeito, os impactos gerados são prejudiciais quando se tem professores desmotivados e acima de tudo, infelizes com a rotina nas escolas. A motivação é crucial na atualidade para que o docente possa ter o mínimo de prazer e dedicação para preparar suas aulas e efetuar o planejamento e execução de uma prática de ensino com o mínimo de qualidade e significância. A escola necessita de docentes que busquem mudar os rumos que a educação nacional vem tomando e, se motivar é um primeiro passo para efetuar mudanças para buscar formar cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Com base nos relatos, vemos que essa desmotivação e insatisfação com a profissão não existe, pois há o interesse pela docência, mesmo existindo desafios e dificuldade para o seu exercício pleno.

Quadro VI. 6: Como é o seu método de ensino?

Prof.	Método de ensino que utiliza.
Alan	Procuro utilizar todos os recursos, inclusive espaciais como globos, mapas, disponíveis no colégio, sempre condizentes com a faixa etária dos estudantes.
Bruno	Não fujo do tradicional, aliado a recursos como *Data-Show*, PowerPoint, documentários, rodas de debate... etc.
Carlos	Nas escolas, como um todo, a prática é predominantemente a tradicional, mas existem momentos em que busco efetuar práticas que fujam desse molde quando tenho maior tempo de planejamento.
Daniela	Nas escolas, como um todo, a prática é a tradicional, esporadicamente utilizo outros recursos nas práticas de ensino.

Quadro VII. 7: Em suas práticas na sala de aula, quais estratégias você utiliza para trabalhar os conteúdos da Geografia? O que você considera importante desenvolver junto com os alunos?

Prof.	Estratégias que utiliza nas aulas.	Consideram importante desenvolver com os alunos.
Alan	Procuro trazer recursos que circundem o universo dos alunos com o intuito de tornar o exposto mais interessante e motivador.	Acredito que seja importante seguir os currículos propostos sempre os alinhando com a realidade dos alunos para a constituição do senso crítico.
Bruno	Procura utilizar exemplos do cotidiano e relacionar com os conteúdos ministrados.	Creio que um bom diálogo e relação de proximidade entre professor-aluno facilite a relação em sala de aula na busca pelo ensino que desenvolva o saber crítico.
Carlos	Além do livro didático, busca trabalhar com coisas que os alunos tenham conhecimento, procuro relacionar o conteúdo com a vivência deles (Geografia do cotidiano) para que assim consigam abstrair o conhecimento e adquirir um olhar crítico.	Acho importante desenvolver o pensamento crítico. Trabalhar o que os alunos vivenciam para que assim eles desenvolvam a criticidade perante o contexto de outras realidades.
Daniela	Além do livro didático, quando possível trabalho com projetos, faço oficinas, rodas de conversa, etc.	Acho importante desenvolver o senso crítico dos alunos em relação à sociedade em que eles vivem.

Quando analisamos as respostas sobre quais estratégias eles utilizam nas aulas e o que acham importante desenvolver com os alunos, vemos que independentemente do método de ensino as declarações apresentadas demonstram pontos em comum. Quando questionados sobre as estratégias que utilizam nas aulas os docentes Alan, Bruno e Carlos abordam que aliado aos recursos utilizados nas aulas é importante alinhar os conteúdos com o cotidiano dos educandos como forma de tornar as aulas mais interessantes, motivadoras e significativas. Daniela utiliza o livro didático, mas quando possível trabalha com projetos, oficinas, rodas de conversa e outros. Ela não salienta que busca alinhar os métodos de ensino e os conteúdos com o cotidiano dos educandos, algo que segundo estudos da Geografia escolar, é de extrema valia para a constituição do ensino crítico.

Kaercher (2010) aborda que devemos partir:

> (...) do pressuposto que a geografia é um ramo do conhecimento que, tal qual a matemática, a língua materna, a história, etc., tem uma linguagem específica, própria e como tal é necessário "alfabetizar o aluno em geografia" para que ele não só se aproveite do vocabulário específico desta área do conhecimento, mas, sobretudo, se capacite para a "leitura-entendimento do espaço geográfico" próximo ou distante. Ou seja, a simples vivência no mundo – seja no país, no estado ou na cidade – não nos transforma em entendedores críticos deste mundo. Tal qual saber ler letras e números não nos transforma em cidadãos críticos (KAERCHER, 2010, p. 12).

Dialogando com o autor, vemos a importância que o professor tem de atuar como mediador dessa "alfabetização geográfica" do aluno. Assim sendo a Geografia fornecerá o suporte e os subsídios necessários para que o educando seja capaz de constituir o saber crítico perante a realidade que o circunda. É fundamental que haja alinhamento entre conteúdos e o cotidiano para que o aluno se torne capaz de compreender a dinâmica da sociedade e natureza nas várias escalas e de que maneira o seu cotidiano é afetado.

Essa preocupação com o estabelecimento e desenvolvimento do pensamento crítico com os alunos foi relatada com os entrevistados. Todos destacaram que buscam e consideram importante desenvolver o senso crítico com os alunos perante a sociedade que eles vivem, alinhando o currículo e o cotidiano. Bruno ainda destaca que para a efetivação dessa dinâmica é fundamental a existência de diálogo e relação de proximidade entre professor-aluno, pois isso facilita a relação na sala de aula e assim se cria um ambiente mais agradável e propício ao ensino visando a criticidade. Isso é importante na atualidade, pois os alunos cada vez mais estão envoltos por tecnologias, informações, e tantas outras coisas que são capazes de tirar o interesse pela escola e consequentemente pelas aulas.

> O fato da aprendizagem dar-se como processo e na interação com o meio e entre indivíduos nos permite afirmar que a organização ou a pré-disposição de um ambiente que propicie a aprendizagem ou a favoreça deve ser levado em conta. Isto nos faz reforçar a importância da sala de aula enquanto espaço dinamizador da aprendizagem (NOGARO, 2005, p. 10).

Diante disso é de extrema importância tornar a escola um local mais agradável e que soe como um ambiente familiar, no qual os alunos e docentes presem pela relação de proximidade, pois gera impactos significativos benéficos para o processo de ensino-aprendizagem, alinhando prática reflexiva e ambiente propício ao ensino.

Diante das explanações nas entrevistas, vemos que os professores em certa medida buscam efetivar práticas de ensino que visem a criticidade. Isso é fundamental na contemporaneidade, pois busca romper com os moldes de ensino da Geografia clássica[15]

---

[15] Marcada por (...) práticas escolares fundamentadas em uma série de livros didáticos que traziam um enfoque conservador que se encontravam as continuidades, ou seja, valorização da nomenclatura,

que em linhas gerais era marcada por práticas sem reflexões profundas, se efetivando mais como repasse e memorização de conteúdos pré-existentes e com pouca e/ou sem relação com o contexto dos educandos. Independentemente do método e metodologia de ensino que o professor utilize, o que deve ser objetivado é a prática crítica e reflexiva, que torne o aluno sujeito do processo de ensino/aprendizagem, demonstrando a importância do saber para sua vivência. Esse molde vai ao encontro do ideal a grosso modo proposto pela Geografia crítica, que buscava abordar os conteúdos de forma reflexiva, trabalhando com as várias escalas, desde a mais próxima do aluno até a global, com o intuito de tornar o aluno um ser pensante e consciente do seu papel na sociedade.

Quadro VIII. 8: Qual a sua opinião sobre a utilização das diferentes linguagens?

Prof.	Opinião sobre o uso das diferentes linguagens.
Alan	São fundamentais nos dias atuais.
Bruno	Acho válido tudo que facilite o processo de ensino.
Carlos	Eu gosto muito, acho importante a utilização mesmo que falte tempo para planejar e diversificar a forma de utilização nas aulas.
Daniela	É importante para tentar fugir da prática tradicional e levar o aluno a conhecer outras formas de aprender. E mesmo para nós professores é interessante tentar novas táticas, ainda que o sistema não nos dê muito tempo e espaço para isso.

Quadro IX. 9: Na sua formação houve capacitação e discussão sobre as metodologias no ensino de geografia? Houve capacitação para a utilização de diferentes recursos? Você considera que algo deveria ter sido diferente?

Prof.	Houve capacitação e discussão sobre metodologias na formação?	Se houve capacitação para utilizar diferentes recursos, algo poderia ter sido diferente?
Alan	Em minha formação houve poucos momentos de capacitação sobre metodologias.	Houve poucos momentos de discussão sobre as diferentes linguagens no ensino.
Bruno	Houve a discussão.	Julgo que a capacitação não foi a ideal, creio que poderia ter sido mais

abordagem clássica dos conteúdos e a relação de ensino e aprendizagem fundada na memorização (ALBUQUERQUE, 2011, p. 36).

		explorado a questão da utilização de novas mídias no ensino de geografia.
Carlos	Houve a capacitação e discussão.	Acho que a capacitação não foi suficiente, foi um pouco precária, poderia ter sido melhor desenvolvida.
Daniela	Não que eu me lembre.	Creio que a formação dos licenciados hoje é melhor do que na época em que fiz meu curso, pois há mais estágios e havia o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que era uma ótima oportunidade.

Na questão 9 os entrevistados foram questionados sobre o que consideram a respeito das diferentes linguagens no ensino. No geral todos os professores apresentaram respostas em comum, no qual consideram a utilização das várias linguagens como importantes e válidas para o ensino na atualidade. Carlos ainda destaca que falta tempo para planejar sua utilização e efetivar sua utilização nas aulas. Daniela enfatiza que acha válido pois leva os alunos a conhecer novas formas de aprendizado, e também serve de motivação para os próprios educadores, mesmo que o sistema torne a prática docente "engessada".

De acordo com Libâneo (2004), um dos fatores que interferem na qualidade do ensino é que as políticas nacionais não são pensadas e formuladas de modo que atendam à demanda dos alunos e professores, assim acabam ignorando o contexto dos alunos e das escolas. Ocorre é a desarticulação por parte dos órgãos públicos destinados à organização escolar, organização institucional e curricular, e das políticas de formação.

Alguns dos impactos sobre a formação dos professores pôde ser percebida através da questão dez, que aborda sobre se ocorreu a discussão e a habilitação sobre metodologias de ensino e também se houve a capacitação sobre a utilização de diferentes linguagens no ensino. Alan aponta que houve poucos momentos de capacitação sobre metodologias de ensino. Bruno diz que houve apenas a discussão. Carlos explana que ambas ocorreram (discussão e capacitação). Daniela enfatiza que não se recorda sobre algum momento em que existiu a abordagem sobre metodologias de ensino.

Quando questionados sobre se a formação favoreceu a capacitação para a utilização das diferentes linguagens o Bruno disse que os momentos de abordagem foram poucos. Ele destacou que a capacitação não foi a ideal e que poderia ter sido melhor

explorada. Carlos enfatiza que apesar de ter ocorrido tanto a discussão como a capacitação, ambas foram precárias, poderiam ter sido mais efetivas e melhor exploradas. Daniela aponta que ambas não ocorreram, assinalando que a formação atual nos cursos de licenciatura, são melhores que nos tempos em que se graduou, pois, os graduandos têm mais oportunidades devido ao maior número de estágios e programas de iniciação à docência (PIBID) que são ótimas oportunidades e incentivos para que os graduandos se insiram nas escolas e ter contato prévio com a prática docente.

Entende-se que é mais do que necessário que a formação do professor e o currículo escolar sejam reformulados e planejados de maneira que forneçam subsídios aos futuros professores, para que desenvolvam metodologias e práticas de ensino que tornem o aluno sujeito do processo, que estes efetuem a problematização dos conteúdos, algo que estimula a constituição do saber crítico. Santos, Costa e Kinn (2010) mencionam que:

> O ensino de geografia, como o de outras disciplinas, depara-se hoje com uma imensa oferta de produtos da indústria cultural (filmes, fotografias, músicas, charges, dentre outros), em virtude das novas tecnologias e do acesso a muitas informações. Cada vez mais, os saberes escolares são associados às mudanças da modernidade e têm de dialogar com inúmeras orientações pedagógicas contemporâneas, a fim de desenvolver nos alunos a cooperação, a sociabilidade, a apropriação dos conteúdos e a construção do conhecimento. (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010, p. 43).

Dessa forma se faz necessário efetuar modificações na formação do profissional docente que a torne mais adequada e contemple as necessidades dos professores e educandos na contemporaneidade. Para isso é fundamental que haja mudanças nas políticas e currículos nacionais destinadas à formação do professor para que a partir disso passe a ocorrer alterações nas escolas, alinhando currículo e organização escolar adequada que atenda às necessidades de alunos e docentes.

Quadro X. 10: Em quais ocasiões você lança mão de outras linguagens para tornar as aulas efetivas e com qual frequência? Você pode dar alguns exemplos?

Prof.	Ocasiões em que utiliza outras linguagens e com qual frequência.	Exemplos.
Alan	Utilizo outras linguagens em conteúdos que não envolvem muita operacionalização.	Quando abordo sobre geopolítica.
Bruno	Creio que trabalhar com imagens, representações e mapas seja fundamental no ensino de geografia, portanto, uso recursos audiovisuais com frequência, principalmente na	Gosto de usar imagens para trabalhar sobre formação dos continentes, relevo e todo tipo de conteúdo físico pois facilita a compreensão de todo o processo para os alunos. Quando

	abordagem sobre atualidades e conteúdos físicos.	abordo conteúdos sobre atualidades acho válido usar vídeos, documentários e outros recursos audiovisuais apresentando conteúdos que demonstrem opiniões diferentes para estimular o debate posteriormente, é algo bem produtivo, os alunos se envolvem e discutem sobre as divergências de ponto de vista em rodas de conversa.
Carlos	Acho interessante a utilização da música como instrumento didático na abordagem de alguns conteúdos relacionados às regiões.	Tem sido muito positivo quando faço o uso da música na abordagem sobre as regiões no 7º ano. Faço o uso pelo menos uma vez por mês, tanto nas abordagens físicas, quanto nas econômicas, sociais e culturais.
Daniela	Sempre que possível faço uso de linguagens diferentes, acho interessante principalmente na abordagem de conteúdos físicos, culturais e outros (não especificou). Por exemplo, aulas em outros espaços da escola, apresentação de vídeos, pesquisas usando internet (sala de computação), palestras, oficinas e rodas de conversa.	Como exemplo quando abordo sobre cultura africana, no qual costume promover a festa africana, que é uma espécie de oficina com apresentação de trabalhos.

Quadro XI. 11: Quando você utiliza outras linguagens, quais resultados observa?

Prof.	Resultados observados quando utiliza outras linguagens.
Alan	Turmas finais do fundamental 2, observo maior interesse por parte dos alunos, quando bem utilizadas, destaco.
Bruno	Quanto aos resultados, na maioria das vezes os alunos demonstram grande interesse, participam mais ativamente das aulas e compreendem melhor os conteúdos.
Carlos	O interesse e a participação aumentam consideravelmente, mas com as turmas mais novas (6º ao 8ºano) muitas vezes fica difícil utilizar diferentes linguagens com frequência pois os alunos passam a pensar a aula mais como um momento de descontração, assim acabam não levando à sério como deveriam em alguns momentos, creio que esse tipo de prática é mais fácil de ser utilizado nas séries do 9º ao 3º ano do ensino médio, pois os alunos são mais fáceis de “controlar” e acabam levando as aulas mais à sério.

Daniela	Os alunos que realmente se interessam e se empenham nessas atividades têm um aprendizado muito mais significativo, absorvem mais informações e se tornam mais participativos.

Em questões anteriores, os entrevistados foram questionados acerca da opinião sobre a utilização das diferentes linguagens no ensino de Geografia. Portanto foi pertinente averiguar alguns momentos em que eles fazem o uso de diferentes métodos e metodologias de ensino através das diferentes linguagens, visto que:

> Hoje, o acesso à informação é completamente distinto: ela é cada vez mais abundante e fácil de obter. Os meios de difusão de informação hoje em dia são imensos. A internet, a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, são alguns dos meios de difusão da informação existentes hoje em dia. O problema desta inundação da informação para a educação na actualidade não é onde procurar a informação, mas como oferecer o acesso à informação sem excluir ninguém e, ao mesmo tempo, aprender e ensinar a selecciona-la, avalia-la, interpreta-la, classifica-la e usa-la (FERREIRA, 2010, p.14).

Nesse contexto é importante investigar como os professores tratam essa diversidade de possibilidades e como selecionam os recursos a serem utilizados de acordo com o que pretendem trabalhar na sala com os alunos, visando melhorar a prática de ensino e a compreensão dos educandos. Ferreira (2014) enfatiza que:

> O processo ensino-aprendizagem em sala de aula exige cada vez mais dedicação por parte do professor para que a temática abordada seja tratada de uma forma dinâmica, eficiente e motivadora. Hoje o ensino em contexto escolar não deve estar confinado apenas ao livro didáctico, pois o uso exclusivo do manual escolar não permite que o aluno compreenda de forma clara as dinâmicas que perpassam os diferentes conteúdos ministrados (FERREIRA, 2014, p.16).

Na questão 11 os professores foram questionados sobre quais momentos fazem o uso de diferentes linguagens no ensino. Alan disse que busca utilizar outros recursos didáticos quando aborda conteúdos que não exijam muita operacionalização, apresentando como exemplo a geopolítica. Bruno enfatiza que busca apropriar-se de recursos audiovisuais (imagens, representações e mapas) com frequência, principalmente quando envolvem a abordagem dos conteúdos físicos e sobre atualidades. Quando ele trabalha sobre formação dos continentes, relevo e todo tipo de conteúdo físico julga que o uso de imagens é fundamental pois facilita a abstração e entendimento dos alunos. Em assuntos sobre atualidades ele busca promover debates a partir de recursos audiovisuais, que apresentem opiniões diversas, algo que instiga a discussão na sala de aula. Carlos afirma que gosta de usar músicas em conteúdos sobre regiões e suas variáveis (físicas, econômicas, sociais e culturais). Daniela apresenta que busca usar outros espaços da escola, como levar os alunos para a sala de computação para efetuarem pesquisas na

internet. Ela também faz uso de vídeos, palestras, rodas de conversa e ainda promove oficinas para gerar maior mobilização e interesse dos alunos. A docente ainda exemplifica que gosta de utilizar diferentes linguagens quando trabalha sobre cultura, especificamente a africana no qual organiza a festa africana em forma de oficina e apresentação de trabalhos confeccionados pelos educandos.

As formas de uso das diferentes linguagens variam de acordo com as respostas apresentadas. Alan apresenta uma abordagem mais direcionada para os conteúdos que envolvem economia, sociedade, política e território, citando o exemplo da abordagem sobre a geopolítica. O uso de diferentes linguagens nesse tipo de conteúdo pode ser uma alternativa que ajuda na compreensão dos conteúdos, visto que são mais complexos e envolvem abordagens que perpassam as várias escalas, envolvendo a explicação de como se dão as relações de poder e gerenciamento de territórios entre os países no mundo globalizado. O uso da cartografia é uma ferramenta de grande valia, pois através de mapas, demonstra a espacialização dos Estados nacionais e como se dão suas distribuições territoriais no mundo, no qual o professor pode abordar diversos ramos da Geopolítica de forma que os educandos compreendam sua dinâmica espacial e os jogos de interesses.

Os professores Bruno e Carlos apresentam abordagens mescladas, destacando o uso de diferentes linguagens contemplando conteúdos físicos e humanos. Isso é fundamental, pois evidenciam a busca por novos métodos de ensino nos vários ramos da Geografia visando mostrar para aos educandos que existem formas variadas de se obter e construir o conhecimento. Essa condição pode servir de estímulo aos educandos na busca pelo saber, pois torna a sala de aula um ambiente menos rotineiro. A utilização de imagens e recursos audiovisuais nos conteúdos físicos é essencial, é algo que facilita a visualização da dinâmica da formação dos continentes, relevos, hidrografia e outros. A música na abordagem sobre as regiões funciona muito bem quando bem planejada, pois existem várias composições que apresentam questões de cunho críticas sociais, diferenciações econômicas, culturais e físicas entre as regiões nacionais.

Daniela apresenta uma abordagem diversificada, nota-se que os alunos são inseridos no mundo das tecnologias informacionais através do uso dos computadores e internet. Isso é importante na atualidade, no qual os educandos estão envoltos por infinitas fontes de informação, mas muitas vezes sem ser exploradas de maneira efetiva. Quando isso ocorre dentro da escola se torna uma fonte rica de pesquisa, pois o professor os ensina

a usar as novas tecnologias para finalidades que podem ser fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

A professora ainda realça que faz uso de palestras e rodas de conversa. Estes artifícios são interessantes, eles extrapolam os moldes de ensino em forma rígida e podem promover debates interessantes de acordo com as divergências de opiniões. Ela também explana que promove mostras de trabalhos em forma de oficinas elaboradas em conjunto com os alunos, dando o exemplo sobre a cultura africana. Esse tipo de trabalho é importante pois faz com que os alunos exercitem a pesquisa para expor o conhecimento sobre a cultura de outras nações e que estão presentes no nosso cotidiano. Estimular os educandos a buscar o conhecimento é algo de extrema valia, faz com que eles tenham a possibilidade de construir o saber através do exercício da pesquisa ao invés de esperar algo que vêm pronto e acabado como muitos professores repassam os conteúdos, algo que faz com que o aluno não se sinta sujeito no processo de ensino- aprendizagem, pois podem se tornar acomodados e desestimulados a buscar o conhecimento através do próprio esforço.

Na questão 12 os entrevistados foram questionados sobre quais resultados observam quando se apoderam das diferentes linguagens nas aulas. De modo geral os professores destacam que os alunos passam a ter maior interesse nas aulas, melhor participação e compreensão dos conteúdos, mas destacam que os resultados não são os mesmos em todas as séries. Alan relatou que com os alunos dos anos finais do fundamental (6º e 7º ano) o interesse aumenta quando as práticas são bem efetuadas. Bruno e Daniela apresentam que as aulas se tornam mais efetivas em todas as turmas que trabalham e que os alunos se tornam mais participativos e compreendem melhor os conteúdos, mas Daniela salienta que para uma parcela de educandos as aulas não fazem diferença. Eles não demonstram interesse e assim o aprendizado fica prejudicado, algo que pode ser frustrante para o professor, que nesses casos demandaram tempo de planejamento e acabam não surtindo o efeito esperado com todos os educandos. Carlos relata que com o sexto sétimo ano tem dificuldades de efetuar uma prática significativa em todas as aulas, pois em alguns momentos os alunos passam a encarar essas aulas como momentos de distração, assim acabam não adquirindo o aprendizado de forma efetiva. Ele destaca que esse tipo de aula funciona melhor com séries do nono ano e ensino médio, pois os alunos são mais fáceis de lidar.

Os professores Alan e Bruno, fazem parte da rede privada. Através das entrevistas foi perceptível que nesses colégios as dinâmicas são diferentes da rede pública, o foco de

ensino é outro. Em grande maioria as aulas são destinadas à preparar os alunos para os vestibulares, ENEM[16] e processos seletivos em geral, de forma mais rígida. Vemos que os professores relatam ter menos problemas quando efetuam práticas com o uso das diferentes linguagens aliadas ao ensino tradicional. Outro fato importante ser destacado é sobre as estruturas das escolas. As instituições privadas apresentam melhor infraestrutura, são munidas de equipamentos como *Data-Show* nas salas de aula, possuem laboratórios de Geografia e outros. Essa condição é propícia para se efetivar um ensino de qualidade, pois o professor tem o devido aparato para sua prática de ensino, portanto cabe a ele se engajar e sempre buscar efetuar aulas efetivas e significativas.

Carlos e Daniela pertencem à rede pública. Em seus relatos vemos mais problemas presentes nas salas de aula, percebe-se que muitos alunos são desinteressados, por mais que os professores busquem diferentes soluções para o ensino na tentativa de motivar o interesse de todos os educandos, sempre existe uma parcela significativa que não faz questão de adquirir o conhecimento crítico e significativo. Esse fato pode tornar o docente desestimulado para buscar alternativas que visem melhorar sua prática e a qualidade do ensino.

Quadro XII. 12: Os alunos se apoderam de novas linguagens na resolução das atividades, trabalhos em grupo, provas e outros? Cite exemplos, por favor.

Prof.	Os alunos se apoderam de novas linguagens nas atividades em geral?	Exemplos.
Alan	Sim, aqueles que apresentam algum capital informacional. Em outras situações novas linguagens são menos eficazes que o quadro.	Neste bimestre estamos abordando censo demográfico no colégio, pedi aos alunos do 7º ano que levantassem dados em casa e construíssem gráficos no Excel, foi algo bem produtivo.
Bruno	Sim, mas em poucos momentos.	Os alunos lançam mão de outras linguagens nas apresentações de feira de ciências e algumas vezes fazem referências em provas, mas no geral é apenas isso, pois no colégio os professores não passam trabalhos, o foco é em provas, provão, simulados e avaliações do tipo.
Carlos	Eles se apoderam.	Os alunos citam letras de músicas que foram trabalhadas na sala de aula na

[16] Exame Nacional do Ensino Médio.

		resolução de algumas atividades e provas sobre regiões e regionalização, no mais é isso.
Daniela	Sim.	Os alunos se apoderam nas apresentações de trabalhos orais, utilizando *Data-Show*, apresentação de trabalhos audiovisuais como por exemplo a festa africana. Os alunos apresentaram danças, comidas, poesias de origem africana e foram bem-sucedidos.

Quadro XIII. 13: Quando utilizados, mudanças se refletem nas atividades avaliativas? Quais?

Prof.	Mudanças que se refletem nas avaliações?
Alan	Sim. Os alunos efetuam trabalhos de maneira produtiva, consequentemente se reflete no aprendizado e nas notas.
Bruno	Creio que sim, alguns alunos fazem referência à conteúdos que foram abordados com utilização de imagens e vídeos.
Carlos	Sim, os alunos citam letras de músicas que foram trabalhadas, principalmente na resolução das questões abertas das provas, servindo como um “trunfo” para obter notas melhores.
Daniela	Como nosso método de ensino é tradicional, obrigatoriamente temos que fazer avaliações bimestrais (prova objetiva e subjetiva), mas mesmo utilizando novas linguagens, os resultados não se apresentam muito melhores.

Após serem questionados sobre se usam e quando utilizam diferentes linguagens no ensino de Geografia foi fundamental questionar se esses métodos de ensino geram efeitos. Foi perceptível que os resultados são diferentes, as respostas dos professores que atuam na rede privada demonstram consequências que diferem das escolas públicas.

Na resposta do Alan foi perceptível que os alunos têm melhor acesso à algumas tecnologias, pois os mesmos se apoderaram de computadores e programas (Excel) para efetuar atividades sobre censo demográfico. Isso não é algo comum de se presenciar em práticas de ensino, pois depende de que todos os educandos tenham acesso a um computador. Ele ainda destaca que esse processo de ensino foi bem proveitoso, exigindo dos alunos o exercício da pesquisa e planificação dos seus dados coletados. Esse tipo de

atividade é complexo de ser desenvolvido, é algo que demanda planejamento e cooperação entre docente e os educandos.

Através da análise da resposta do Bruno vê-se que os alunos não se apoderam de diferentes linguagens de forma rotineira, apenas esporadicamente fazendo referências em provas e quando fazem apresentações na feira de ciências. Devido ao foco do ensino ser preparar os educandos para o ENEM e outros processos seletivos, os professores não passam trabalhos dentro da sala de aula ou para ser feito em casa. Diante disso nota-se que ocorre pouco incentivo à pesquisa e à construção do conhecimento a partir deste exercício que apresenta grande potencial para o desenvolvimento do saber e do senso crítico ao manipular dados e problematizá-los visando construir conteúdos significativos.

Com os relatos do Carlos a dinâmica acontece de outra forma. É nítido que em pouquíssimos momentos os alunos se apoderam de diferentes linguagens na resolução de atividade e outros. Ele aponta que os poucos momentos que ocorrem são quando os alunos fazem referência ou até mesmo citam as letras das músicas trabalhadas na sala de aula na abordagem de alguns conteúdos.

Isso pode ocorrer devido ao pouco tempo na profissão, pois o professor aponta que segue na carreira docente há apenas um ano. Levando em consideração os desafios que os docentes enfrentam na contemporaneidade na sala de aula e na prática de ensino podemos destacar que esse profissional ainda está em processo de adaptação ao cargo que ocupa. Portanto ainda lhe falta talvez tempo (visto que ainda está concluindo a graduação) para planejar novos métodos de ensino que aliem o tradicional e o uso das diferentes linguagens e, portanto, incentivar os alunos a se apoderarem destes recursos no processo de ensino-aprendizagem.

Na resposta da Daniela ficou nítido que apesar das aulas serem predominantemente tradicionais não impede que os alunos façam uso das diferentes linguagens no processo de ensino-aprendizagem. Através do incentivo da professora os alunos são instigados a produzir conteúdo que remetem à outras culturas bem como a citada como exemplo (africana). Os educandos utilizam *Data-Show* contendo recursos audiovisuais com assuntos pertinentes à cultura dos povos em questão. Também são efetuadas danças e vários tipos de apresentações como as da comida típica, dança e outros. Esse tipo de exercício instiga o aluno a exercitar à pesquisa, problematização, reflexão e organização sobre o que julgam ser importante para posterior apresentação. Além disso promove a valorização da diversidade, ao respeito com os demais seres sociais dotados

de cultura própria, saber fundamental na sociedade em que vivemos, em que a intolerância perpassa os limites da racionalidade e essência humana. O exercício da pesquisa,

> (...) contribui fundamentalmente para um ambiente de unificação entre teórico e prático, ou seja, unindo os campos epistemológicos e axiológicos da práxis pedagógica. Perante estas considerações, se encaixa o conceito de professor mediador, que através de suas intervenções possibilita a consolidação do que Goergen (2005) considera como as três vertentes para a formação: a intelectual, a moral e a estética (CARRA E TESTON, 2014, p, 766).

Assim, vemos que a pesquisa deve se constituir como parte fundamental na escola na atualidade, visto que estimula o exercício da construção do saber crítico.

Através dos relatos dos professores foi perceptível que os alunos ainda se apropriam pouco das diferentes linguagens nas avaliações presentes nas escolas e colégios, porém nas vezes em que eles fazem o uso os resultados são significativos. Os métodos e formas de avaliação podem limitar ou incentivar os alunos à fazerem o uso de diferentes linguagens nas instituições, no entanto isso é algo particular de cada estabelecimento e docente, mas é algo que deve ser promovido, pois contribui para o alunado perceber e lidar com diferentes formas de interpretar a realidade. Isso pode gerar formas de aprendizado mais efetivas, pois cada aluno pode se familiarizar melhor de acordo com o que ele utiliza. Também deve-se levar em conta que existem múltiplas inteligências e aquele alunos que possuem alguma deficiência, e que através dessas ferramentas podem ser beneficiados no processo de aprendizagem, desde que seja bem trabalhado.

Quadro XIV. 14: Quais estratégias você utiliza para trabalhar os conceitos geográficos? Você considera que os educandos conseguem compreender a importância desses conceitos?

Prof.	Estratégias que utiliza para abordar conceitos geográficos.	Os educandos compreendem a importância dos conceitos?
Alan	Os conceitos geográficos devem ser trabalhados em diferentes escalas, das mais próximas para as mais amplas. Busco usar exemplos do cotidiano para ajudar na compreensão.	Em geral os alunos conseguem compreender o que é proposto.
Bruno	Utilizo exemplos do cotidiano, aulas expositivas em conjunto com imagens e recursos audiovisuais.	Considero que compreendem bem, pois os alunos até comentam que as aulas ficam mais fáceis de compreender quando utilizo outros

		recursos relacionados ao cotidiano, principalmente com imagens.
Carlos	Eu uso inúmeras vezes a Geografia do cotidiano, tento fazer um recorte da realidade dos alunos para trabalhar os conceitos, no caso de Viçosa eu busco abordar a realidade para exemplificar e explicar de forma mais didática os conteúdos trabalhados e demonstrar sua importância.	Percebo que quando faço o recorte e contextualizo com a realidade dos educandos a compreensão fica mais efetiva.
Daniela	Costumo usar mídias digitais, vídeos, trabalhos em grupo e atividades em sala.	São poucos os que compreendem de forma significativa. Mesmo utilizando estratégias diversas a maioria dos alunos não se interessa pelos assuntos, fato que torna seu aprendizado pouco eficaz.

Quadro XV. 15: Caso queira utilizar outros recursos nas aulas, a escola permite que você o faça de forma fácil e sem empecilhos?

Prof.	A escola permite que você utilize outros recursos nas aulas?
Alan	As escolas não colocam empecilhos, ao contrário, nos motivam.
Bruno	Sim, contanto que seja previamente planejado junto à coordenação.
Carlos	Desde que seja avisado com antecedência a escola permite e aceita muito bem esse tipo de abordagem, a instituição incentiva qualquer projeto que tenha como foco a diversidade de métodos e metodologias na prática docente.
Daniela	Sim, a minha escola possui muitos recursos disponíveis, como sala de vídeo, laboratórios, sala de informática e espaço multiuso, todos com *Data-Show*, som e computador. Também temos uma rádio que funciona nos intervalos.

Quadro XVI. 16: Diante das experiências e suas vivências na escola, quais são os desafios enfrentados na prática docente na contemporaneidade?

Prof.	Quais os desafios da prática docente na atualidade?
Alan	As dificuldades são de diversas ordens, tais como, falta de material, de respeito, de formação, de alunos mais interessados e com mais recursos, entre outros.

Bruno	Desinteresse de alguns, muitos jovens não conseguem compreender a importância de uma boa educação para que alcancem um futuro mais cômodo.
Carlos	O principal desafio é motivar os alunos, pois por mais que eu diversifique a prática de ensino os alunos hoje em dia têm imenso desinteresse pela matéria, para estudar e adquirir o aprendizado significativo.
Daniela	O principal desafio é motivar os alunos, creio que o sistema educacional atual não beneficia o aluno, a progressão "automática" dos alunos traz prejuízos para os mesmos, pois há uma defasagem do aprendizado ano após ano, o que traz desinteresse.

Diante do mencionado percebe-se que o papel do professor vai além de repassar conteúdos de forma meramente expositiva sem sua problematização. Existe a necessidade de flexibilização dos métodos de ensino, fato que exige maior empenho e criatividade dos professores, pois estamos em uma (...) sociedade cada vez mais exigente, e com um ensino escolar em que o modelo expositivo deve ser evitado, o professor deve ser criativo e flexível no processo de estruturação da aula" (FERREIRA, 2010, p. 17).

Tendo como base o ensino de Geografia, trabalhar seus conceitos de forma reflexiva, didática e crítica é fundamental para a compreensão dos seus conteúdos, para que o aluno seja capaz de entender o mundo que o cerca e como suas dinâmicas afetam o seu cotidiano. Diante disso os professores foram questionados sobre como eles abordam os conceitos geográficos com os educandos e quais são os desafios enfrentados no ensino atual.

Os professores Alan, Bruno e Carlos apresentaram abordagens que buscam alinhar os conteúdos com o cotidiano dos alunos, eles elucidam que a compreensão se torna mais significativa e ajuda a atrair a atenção dos educandos nas aulas. Alan apresentou que costuma trabalhar os conceitos em diferentes escalas. Ele julga que devem ser trabalhados das escalas mais próximas para as mais gerais, utilizando exemplos do cotidiano para tornar a aula mais atrativa, o que pode facilitar o entendimento do que é abordado. Sobre essa visão, Callai (2005) exerce uma crítica, discorrendo que,

> Na realidade, esse procedimento constitui mais um problema do que uma solução, pois o mundo é extremamente complexo e, em sua dinamicidade, não acolhe os sujeitos em círculos que se ampliam sucessivamente do mais próximo para o mais distante. Num mundo em que a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, não se pode fechar as possibilidades em um estudo a partir de círculos hierarquizados. Ainda com relação à velocidade da informação, deve-se considerar que não é a distância o que vai impedir ou retardar o acesso à informação, mas condições

> econômicas e/ou culturais, inscritas num processo social que exclui algumas (ou muitas) pessoas (CALLAI, 2005, p. 230).

Diante do mencionado, vemos que a crítica enfatiza que existe a possibilidade do professor abordar sobre o meio de modo diferente das abordagens através de círculos concêntricos e lineares (do mais simples e próximo ao distante e complexo).

Carlos argumenta que busca efetuar aulas expositivas alinhando a abordagem dos conceitos com exemplos do cotidiano dos alunos, tendo como suporte recursos audiovisuais, principalmente imagens, que é algo que facilita e elucidação do que é trabalhado junto com os estudantes, que geralmente conseguem entender e abstrair o que foi discutido nas aulas.

Sobre o uso dos recursos audiovisuais Ferreira (2010) aponta que:

> Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo - distante, alto - baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes a reforçar o que foi dito, o que foi narrado, a história que foi contada (FERREIRA, 2010, p. 23).

Portanto vemos que Bruno faz uso constante de uma ferramenta didática repleta de possibilidades. De acordo com o conteúdo que se quer trabalhar o docente tem a possibilidade de desenvolver com o aluno a noção espacial através da visualização de vários planos, podendo efetuar vários recortes espaciais. Com isso o professor elucida de maneira mais entendível e reforça o que foi dito na aula. Para esta dinâmica o professor tem a chance de explorar os recursos audiovisuais como motivação para introduzir novos assuntos; como ilustração para compor cenários que antes eram desconhecidos aos alunos; como simulação de processos que ocorrem e que demandariam tempo para serem observados (FERREIRA, 2010).

Os relatos do Carlos afirmam que ele busca demonstrar a importância dos conceitos geográficos através de exemplos situados em Viçosa-MG. O professor considera que desta forma o ensino se torna mais didático e efetivo. O docente afirma que no geral os alunos conseguem compreender os conceitos. Como dito em questões anteriores ele também cita aulas em que faz o uso da música para abordar conceitos geográficos alinhando com a realidade dos estudantes. Correia (2012) apresenta que:

> A música auxilia na aprendizagem de várias matérias, entre elas a geografia. Ela é componente histórico de qualquer época, portanto oferece condição de

> estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história, assim como seu referencial geográfico. Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais (CORREIA. 2012, p. 150-151).

Este recurso deve vir acompanhado da mediação do professor, fazendo comentários sobre a importância do conteúdo nela presente, assim evita-se que a música seja um "tapa-buraco" nas aulas, portanto deve haver o devido planejamento para que seu uso seja um complemento eficaz na prática docente.

Daniela salienta que busca utilizar recursos audiovisuais e outros tipos de atividade em grupo na sala de aula na abordagem dos conceitos, porém enfatiza que mesmo quando as aulas são efetuadas com diversificação do método de ensino os resultados obtidos não são os melhores. São poucos os que compreendem de forma significativa, pois são escassos os que se interessam pela abordagem, o que torna o aprendizado pouco eficaz.

De acordo com os entrevistados, as escolas incentivavam que os professores promovam novos métodos de ensino e não colocam empecilhos para tais práticas, mas os desafios para implantar o ensino de qualidade são muitos. No geral todos os professores enfatizam que motivar os alunos à querer aprender, querer participar e compreender a importância do estudo e conhecimento para adquirirem um futuro melhor é algo muito difícil. Daniela destaca que por mais que ele diversifique os métodos e metodologias não consegue motivar grande parcela dos educandos. Ela destaca que além da motivação, o sistema de "progressão" automática gera defasagem no aprendizado, e isso impacta no ensino de todas as disciplinas, pois os alunos não compreendem nem o que leem.

O problema do desinteresse por parte dos alunos nas escolas públicas não pode ser direcionado somente aos professores. A escola já não atrai a atenção de grande parte dos alunos, pois os mesmos não enxergam a importância das disciplinas. O desinteresse em partes pode ser atribuído aos professores. Libâneo (1994) mostra que a falta de entusiasmo e a dificuldade de tratar os conteúdos de forma dinâmica e didática são fortes atributos que deixam os estudantes desmotivados e com isso perdem o gosto pela escola. Podemos atribuir essa condição também à estrutura escolar e às políticas que regem sua dinâmica. Um dos motivos já citados anteriormente é o sistema de "progressão" automática, que é um fator que deixa os alunos acomodados e defasados, pois sabem que independente do seu interesse eles vão ser seguir para as séries sequentes. A

desvalorização das escolas públicas e professores também impactou negativamente na qualidade do ensino.

Quadro XVII. 17: Se tratando da Geografia, quais os desafios de se ensinar a disciplina e efetuar práticas didáticas?

Prof.	Desafios de se ensinar Geografia.
Alan	Um dos grandes desafios de se ensinar a Geografia é devido a dinamicidade própria da disciplina, é preciso muita leitura e atualização. O ensino mais didático passa por profissionais mais engajados e preparados, não podemos atribuir o fracasso apenas à falta de materiais.
Bruno	Creio que o principal desafio é mostrar a importância da geografia para os alunos, ou seja, mostrar que ela nos cerca ao longo de nosso convívio cotidiano. Quanto a didática, o mais complexo é conseguir relacionar os conteúdos com o cotidiano dos educandos e fazer com que eles tenham um aprendizado significativo.
Carlos	Creio que o maior desafio seja fazer a transposição didática do âmbito científico para o escolar de forma com que os alunos compreendam de forma efetiva e significativa o que está sendo abordado. Preparar aulas relacionando os conteúdos com o cotidiano dos alunos é extremamente difícil e que demanda muito estudo, tempo e esforço, principalmente para os alunos mais novos (ensino fundamental).
Daniela	Trabalhar com geografia humana é um desafio, pois muitos alunos não conseguem entender o que leem, tem dificuldades em compreender o mundo que o cerca, como se ele não fizesse parte do sistema. Como há uma deficiência no ensino de língua portuguesa e matemática, isso se reflete nas outras disciplinas. Devido a essa condição a didática na Geografia fica prejudicada, pois os alunos têm enorme dificuldade de compreender o que é abordado nas aulas.

Quando falamos no ensino de Geografia é fundamental discutir a questão da didática na prática pedagógica, pois quando a didática não é efetiva a qualidade do ensino fica prejudicada. O que acontece na atualidade em muitos casos é que temos professores que dominam os conteúdos competentes à Geografia, mas não possuem estratégias didáticas eficazes. A questão de o que ensinar em Geografia e como ensinar é uma tarefa difícil, mas é essencial para formar cidadão críticos.

Na atualidade “o ensino de Geografia ainda é muito tradicional e fragmentador da realidade, parecendo pouco interessante e pouco útil para seus alunos. Há uma quase ausência de assuntos ligados ao cotidiano e a temas políticos e econômicos” (KAERCHER, 2010, p. 177). Nas respostas dos entrevistados vemos que elas diferem em

alguns aspectos relevantes, mas tocam na questão de abordar o cotidiano na práticas docentes e dificuldades para tal empreitada.

O professor Alan destaca que o ensino de forma didática perpassa por profissionais mais engajados. O mesmo define que o fracasso no ensino não pode ser justificado apenas pela falta de materiais. O ensino praticado de forma didática pode ser efetuado de várias formas, independente da falta de recursos, cabe a nós professores problematizar os conteúdos e buscar meios de promover o ensino de forma que seja mais fácil de ser trabalhado com os estudantes e que torne sua compreensão eficaz. Ele ainda salienta que o maior desafio de se ensinar a Geografia é devido a dinamicidade da própria disciplina, que exige que o docente esteja sempre atualizado. Para tanto, existe a necessita de professores capacitados e engajados, como já dito pelo entrevistado.

Bruno e Carlos tocam na questão da Geografia do cotidiano, aspecto salientado por Kaercher (2010) como abordagem que está em falta na disciplina. Os docentes respondem que o maior desafio para a realização de uma prática didática é conseguir alinhar os conteúdos e o cotidiano dos alunos e fazer com que estes tenham um aprendizado significativo. Bruno assinala que não é tarefa fácil apresentar e fazer com que os educandos compreendam a importância dos conteúdos geográficos, para auxiliá-los a compreender que eles fazem parte da vida a todo momento.

Algo semelhante é ressaltado por Carlos. Ele diz que o maior desafio para se fazer práticas didáticas decorre das dificuldades que encontra em relacionar os conteúdos do âmbito científico para o escolar de forma que seja entendível e relacionado com a vivência dos alunos, principalmente para os das séries inicial do ensino fundamental.

Isso, em nossa visão, é fruto de carências no processo de formação nas licenciaturas, pois como já dito em questões anteriores, todos relataram essa deficiência na formação no que diz respeito às metodologias de ensino. Segundo os relatos, a grade curricular dos cursos frequentados pelos entrevistados deixou lacunas no que diz respeito às práticas de ensino, muitas vezes por não serem satisfatoriamente contempladas ou existir poucas disciplinas do tipo ofertadas no processo de graduação[17]. Kaercher (2010) exclama que devem ocorrer reflexões mais sistematizadas nas universidades sobre as práticas docentes, pois se isso não ocorrer a profissão vira rotina e repetição.

Nos relatos da Daniela vemos que além de repensar o papel das universidades, as políticas de educação também têm prejudicado o ensino. Ela enfatiza que conseguir

[17] Por outro lado, é importante ponderar que existe a oferta de minicursos e de disciplinas com esse viés em outros departamentos, portanto existem possibilidades de incremento na formação através de várias ofertas.

praticar o ensino de forma didática, efetiva e significativa é difícil devido à própria defasagem dos alunos devido à problemas na formação ao longo do processo de ensino-aprendizagem, fato promovido também devido ao sistema de "progressão automática"[18]. Isso faz com que ano após ano os alunos acumulem defasagens em todas as disciplinas, principalmente em Português e Matemática. A docente aponta que trabalhar conteúdos da Geografia humana é extremamente difícil, visto que os estudantes não compreendem o que leem e tem enormes dificuldades de entender a dinâmica do mundo que os cerca; é como se não se sentissem como parte integrante do sistema.

Os relatos têm relação entre si. Existem problemas na formação dos professores e com isso acarretam consequências nas práticas de ensino. Essa condição gera dificuldades no planejamento e efetivação das aulas. Existe a necessidade de repensar os currículos na formação e também as políticas de educação, pois as mesmas podem dificultar ainda mais o papel do professor na atualidade. Além disso é de extrema valia que os profissionais estejam engajados na busca pelo ensino de qualidade, independente das limitações que existem na profissão, pois os professores não podem deixar de buscar o compromisso de efetuar aulas didáticas e significativas. Deixar de tentar contribuir para a formação cidadãos críticos, reflexivos e conscientes do seu papel na sociedade é algo que não deve ocorrer.

Diante desse contexto apresentado no trabalho como um todo, identifica-se que na atualidade, existem vários debates sobre a Geografia escolar e também sobre as práticas efetuadas pelos professores, sobre os limites e possibilidades encontrados nas escolas e outros. Levando em conta particularmente o ensino geográfico, as formas de abordagem são imensas, assim sendo a utilização dos conceitos geográficos em conjunto com as novas linguagens e demais conteúdos podem funcionar como alternativas com potencial para a superação dos desafios mencionados anteriormente, visto que, servem como ferramentas didáticas para análise do espaço, e consequentemente como instrumentos para os alunos aprenderem formas de análise espacial e como agir perante a realidade que os circundam.

Tendo por base as entrevistas, reflexões e as necessidades da busca por promover práticas de ensino significativas, serão apresentadas formas de abordagens dos conceitos

---

[18] "(...) da forma como se concretizou, a Progressão Continuada não rompeu com os mecanismos e processos de seleção, fracasso e exclusão, levando a escola a manter o seu caráter seletivo e excludente (...) a exclusão, antes exterior à escola pelo não ingresso, repetência e evasão, acontece agora com a criança na escola, pela pouca qualidade de aprendizagem" (BIANI, 2007, s/n).

geográficos, visto que são balizadores desta ciência. O objetivo foi exemplificar didáticas com a utilização das diferentes linguagens como alternativa a auxiliar a leitura da realidade socioespacial.

4. PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE ENSINO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS COM A UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES LINGUAGENS

4.1. Algumas possibilidades de abordagem dos conceitos geográficos no ensino de Geografia.

> Os conceitos de uma determinada área do conhecimento revelam como se constrói a compreensão do que se estuda, permitindo acumular saberes, criar explicações gerais que possam servir de referência para analisar diversos casos, identificar diferenças, mudanças e comparar situações. Na Geografia, os conceitos mais fundamentais, com os quais se estrutura a explicação de diversos fenômenos e fatos, são: espaço geográfico, lugar, paisagem, território e região. Costuma-se reconhecê-los como conceitos geográficos. Além desses, os conceitos de sociedade e natureza são utilizados frequentemente. Em geral, o uso desses conceitos permite revelar como diversos problemas, situações, fatos e fenômenos – que se repetem ou são raros –, se manifestam em termos de espaço, de lugar, de paisagem etc. (BRASIL, 2009, p. 9, 17-18).

A partir do trecho acima, fica explícito a importância do estudo e utilização dos conceitos geográficos como base para a análise e reflexão crítica sobre o espaço e os fenômenos que ocorrem. Isso possibilita o entendimento por parte dos educandos sobre a dinâmica do espaço geográfico e como elas podem afetá-lo de forma direta e/ou indireta, algo que é de suma importância na formação do cidadão crítico e consciente.

Diante desse contexto, nos demais tópicos, o objetivo é efetuar a explanação de algumas linguagens que podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. Com base nos conceitos geográficos, de paisagem, lugar, território, região e redes, serão abordados exemplos de como os mesmos podem ser contemplados em sala de aula de forma conjunta com a utilização das diferentes linguagens.

É importante destacar que a conformação destes exemplos se deu com base em pesquisas a partir de diversas fontes como, livros, textos, artigos, blogs, etc. Para cada conceito base da Geografia tentamos apresentar exemplos possíveis de abordagem pelos professores em suas práticas através do uso das diferentes linguagens no ensino. O que se objetivou foi mostrar alguns caminhos didáticos para a tentativa de tornar as aulas momentos motivadores para a constituição do aprendizado significativo e reflexivo.

4.1.1. A abordagem do conceito de paisagem e a relação com o lugar no ensino de Geografia

Por se tratar dos conceitos-chave da Geografia, iniciaremos a abordagem sobre o conceito de paisagem e sua relação com o lugar, trabalhando algumas possibilidades e potencialidades de uso através das diferentes linguagens no ensino. Santos define que “tudo aquilo que vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida

como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc". (1988, p. s/n).

A abordagem desse conceito é essencial, pois auxilia na leitura e aprendizagem do entorno, desenvolvendo habilidades importantes nos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, estimulando a capacidade de compreender os elementos constituintes e as diferenciações entre as paisagens, que se manifestam em sua historicidade, nas dinâmicas naturais, nas relações sociais, práticas culturais e a relação entre eles (PUNTEL, 2007).

> Estudar a Geografia, levando em consideração a paisagem, passa a ser de extrema importância, pois, através dela, é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza (PUNTEL, 2007, p. 286).

Portanto, é fundamental aproximar o aluno do local, promovendo nele a noção de investigação e compreensão do lugar para que o mesmo identifique as diferentes paisagens expressas, tendo o entendimento de que elas são constituídas por aspectos naturais, humanos, históricos e sociais, resultantes das relações de trabalho da sociedade e das forças produtivas desenvolvidas, levando assim à compreensão da complexidade das relações da sociedade e natureza. A visão fisionômica da paisagem funciona como a aproximação da realidade, tornando possível enxergar a aparência e a função que cada paisagem desempenha, evento que depende das características do lugar, sejam elas estéticas, políticas, estratégicas, econômicas, culturais ou históricas, determinando a forma de organização no espaço (PUNTEL, 2007).

Complementando a necessidade da relação entre a abordagem da paisagem e o lugar, Callai (2000, p. 97) aborda que "o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos". Quando se contempla esse conceito para o estudo do espaço geográfico, é fundamental a ênfase na dimensão objetiva e subjetiva da paisagem, levando em consideração os processos de construção e reconstrução, que ocorrem a todo instante de forma permanente. Esse tipo de abordagem, por se tratar de algo que faz parte do cotidiano dos alunos, torna possível que eles vivenciem empiricamente a identificação do seu lugar e sua significação (PUNTEL, 2007).

A partir do momento em que o aluno compreende o mundo em que vive, e que o seu lugar faz parte de um todo maior, ele passa a perceber que o seu local de vivência possui características desse todo, desse modo o educando passa a perceber o sentido de se estudar o espaço geográfico. Essa condição é de grande valor pois instiga o aluno a se

interessar pela temática visto que ele passa a se identificar como sujeito participante, entendendo que tudo está interligado com diferentes escalas de análise. Isso pode fazer com que esse sujeito e vários outros pensem o espaço de um modo abrangente e ativo, fazendo com que participem ativamente na sua comunidade de forma crítica e consciente (PUNTEL, 2007).

A vivência abordada em conjunto com o ensino é um fator importante para o conhecimento, mas o professor não pode ficar limitado a isso, pois o processo de ensino-aprendizagem necessita de reflexão, que em muitos casos não ocorre de forma efetiva devido às dificuldades enfrentadas pelos docentes em trabalhar os conceitos básicos da Geografia por falta de fundamentos teóricos aprofundados (PUNTEL, 2007).

Ao se trabalhar esse conceito na sala de aula, o professor tem a opção de se apoderar das fotografias, que desempenham papel importante. Com essa ferramenta pode-se trabalhar com as diferentes noções de tempo, os elementos que sofreram modificações, e também as intencionalidades e significados presentes nessas ações, pois tudo isso fica materializado nas fotos, sendo resultados do trabalho e da cultura humana (SANTOS, R.; COSTA e KINN, 2010).

Outro tipo de abordagem sugerido é a utilização das paisagens sonoras. Fernandes (2009) assinala que os conceitos de paisagens sonoras e ecologia sonora surgiu no século XX, no fim dos anos 1960 com pesquisadores da Simon Fraser University no Canadá. O enfoque era enfatizar que os sons são partes que possibilitam maior abrangência da música, assim, Schafer (pesquisador) aponta que um ouvinte “ecologicamente correto” deve se atentar aos sons, que muitas vezes passam despercebidos, porém formam a paisagem sonora. Estes sons devem ser concebidos como uma composição musical, formados por ruídos de conversas, automóveis, celulares, sirenes e também pelos sons da natureza, como dos seres vivos, vento, chuva e outros. Todavia essa paisagem sonora acaba sendo um fato do ambiente em que se está inserido, porém pode ser manuseada e alterada pelo sujeito que a escuta.

A ideia de paisagens sonoras foi bem explorada por John Cage (músico, poeta e pintor), definindo que a música é composta pelos sons a nossa volta, apresentando concepções e possibilidades diferentes em suas peças musicais. John Cage apresentava formas inusitadas em seus trabalhos, marcado principalmente na composição silenciosa da 4’33” constituída por características que extrapolavam as formas de composição ditas “corretas” (FERNANDES, 2009).

> A música, agora, é retirada da linguagem musical tradicional, e o som do pensamento acústico. As músicas tradicionais são transcritas em partituras que intercalam notas, de diferentes durações, com pausas. Surpreendentemente, 4'33" é uma música que não possui nenhuma nota executada por instrumentos, sendo composta por três andamentos preenchidos de silêncio, e pode ser "executada" portanto por qualquer instrumento (FERNANDES, 2009, p. 4).

Dialogando com o autor, é compreensível que a intenção por trás dessa composição é contribuir para que as pessoas escutem o ambiente ao seu entorno e assim componham segundo suas percepções do recorte espaço-temporal. Esse processo é marcado ao mesmo tempo pela recepção de informações e também de construção livre. Tal episódio ajuda na leitura e compreensão dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico, já que o sujeito passa a perceber elementos que antes eram tidas como rotineiras e passavam despercebidas.

Diante dessa explanação, o recurso das paisagens sonoras pode ser utilizado como uma linguagem alternativa, proporcionando uma nova metodologia no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. O professor pode abordar a composição 4’33” através do YouTube e levar os alunos a campo e orientá-los a ficarem 4 minutos e 33 segundos em silêncio, apenas escutando os sons ao seu redor, ouvindo os sons do cotidiano e do seu lugar. Essa abordagem se torna efetiva se os educandos compreenderem a proposta de Cage, para que possam ler e compreender o espaço segundo suas próprias concepções e conceitos internalizados (FERNANDES, 2009). É importante ressaltar que:

> Ao compreender a proposta de Cage, os alunos, quando compõem sua sinfonia a partir dos ruídos do ambiente, harmonizam os objetos deste ambiente que até então estavam desconexos e da mesma forma acabam organizando os objetos do espaço geográfico observando suas conexões e seu encadeamento, facilitando seu entendimento. Quando saímos a campo, a metodologia também é utilizada, e os alunos são obrigados, então, a isolar o momento de observação e os elementos que compõem o lugar observado e sua dinâmica (FERNANDES, 2009, p. 6).

Posterior a esse momento o autor aponta que é de suma importância discutir com os alunos sobre os reais propósitos da Geografia, explanando que o estudo do clima, relevo, vegetação e a sociedade, são conceitos que devem ser considerados como elementos fundamentais para a compreensão das dinâmicas do espaço geográfico, funcionando como artifícios para a melhor leitura do espaço e suas dinâmicas. Dessa forma, “através da percepção, nesta experiência, revela-se aos alunos a espacialidade em que se materializa sua existência, pois o espaço torna-se efetivamente composto pelos referenciais sensíveis de sua identidade, percebendo detalhes até então desprezados” (FERNANDES, 2009, p. 6). O autor afirma que esse tipo de atividade pode soar como estranha aos alunos em um primeiro momento, porém é válido e faz parte de um processo

contínuo que não ocorre de um dia para o outro, mas funciona como uma nova estratégia de comunicação entre professores e educandos que contribui para o desenvolvimento da capacidade de reflexão, agir, pensar e sentir os diversos ambientes e o seu lugar.

Como complemento, cabe indicar o site freesound.org. Nele estão presentes áudios que representam paisagens sonoras diversas como os sons das cidades e o "caos" presente, e também os sons da natureza, que expressão características inversamente proporcionais ao emaranhado de sons das cidades. As possibilidades são muitas, cabe aos professores escolher as ferramentas que melhor dominam e que são úteis para cada tipo de abordagem, buscando sempre abordar de forma crítica os conteúdos.

4.1.2. A abordagem do conceito de território no ensino de Geografia

O território é um conceito que pode servir de base para a compreensão das práticas sociais em qualquer escala geográfica, isso ocorre devido às relações da sociedade, em maior ou menor grau, estar diretamente relacionada às questões territoriais (TAVARES e BISPO, 2016). O entendimento deste conceito para sua utilização na compreensão e análise da realidade pode promover uma visão mais abrangente, assim é fundamental compreender que são as práticas e relações espaciais que originam os mais variados territórios, que são passíveis de discussão na Geografia escolar (CAVALCANTI, 2011).

O ensino desse conceito é complexo, exigindo alto nível de entendimento e interpretação acerca dos conceitos e processos que ocorrem no espaço. Essa condição se dá devido às múltiplas definições que o conceito pode ter diante das amplas perspectivas de interpretação e também porquê sua análise deve ser efetuada de forma conjunta com outros conceitos da Geografia (TAVARES e BISPO, 2016). Haesbaert aborda que o:

> Território tem sido uma expressão ambígua que pode designar desde um espaço social qualquer, como predomina no nosso censo comum e entre alguns geógrafos, até um espaço marcado e definido por determinadas espécies de animais, seu espaço de sobrevivência, como é definido pela etologia (HAESBAERT, 1997, p. 33).

O sentido do conceito é amplo, portanto não há um consenso sobre sua definição entre os vários autores que o abordam. Haesbaert (1997) propõe uma análise integradora na abordagem sobre o conceito, inter-relacionando a perspectiva jurídico-política, a culturalista e o aspecto econômico. A abordagem jurídico-político está relacionado à ótica da dominação e das relações de poder, no viés cultural os aspectos simbólicos e as subjetividades prevalecem e o âmbito econômico está relacionado às relações de capital-trabalho e os conflitos entre as classes sociais (HAESBAERT, 1997).

Na ótica de Tavares e Bispo (2016), a abordagem do território no ensino deve partir da dimensão mais próxima dos educandos, que é o lugar onde ocorrem suas práticas diárias no cotidiano. Nesse contexto, trabalhar a noção de identidade, memória e patrimônio se torna importante, pois estão ligados ao cotidiano dos alunos. Heidrich, A. e Heidrich, B. (2010, p.117) compreendem o território como "o espaço, a paisagem e o lugar, tomados como uma posse, um meio geográfico apropriado". Quando se trata da abordagem do território no ensino de Geografia, o mesmo tem sido trabalhado da seguinte forma:

Tabela 1. O estudo do território no ensino fundamental.

TEMAS DE ESTUDO	ASPECTOS ASSOCIADOS À COMPREENSÃO DO CONCEITO
Divisão político-administrativas do País, regiões e unidades federais.	A divisão do espaço geográfico em níveis hierárquicos de organização política (estados, distrito federal e municípios) e seus limites geográficos. Os conjuntos de estados e municípios com finalidades de conhecimento, pesquisa e planejamento governamental (as micro, meso e grandes regiões).
Dimensões territoriais e características físicas das unidades federativas e das regiões.	O conhecimento da extensão do território das unidades político-administrativas (área territorial de municípios, estados e País) e das regiões. A descrição das características físico-territoriais e o estabelecimento das relações entre a área territorial e o conhecimento de seus respectivos espaços geográficos.
Processo de ocupação territorial e povoamento do Brasil e de suas regiões.	O conhecimento da ocupação e transformação do espaço geográfico original, a transformação das paisagens, os locais de ocupação e os fatos sócio históricos associados. Usos de recursos naturais. A aprendizagem sobre a formação de espaços geográficos. Associação entre espaço geográfico em formação e territórios.

Fonte: Heidrich, A. e Heidrich, B. (2010, p. 114).

Com base nas informações acima percebe-se que a abordagem tem sido efetuada dando prioridade aos aspectos físicos, que são conteúdos importantes, porém acabam deixando em segundo plano as abordagens com ênfase nos processos de ocupação e formação, as relações de poder e os conflitos existentes. Heidrich, A. e Heidrich, B. (2010) abordam que na atualidade essas tensões têm ocasionado a perda de vínculo de muitas populações e/ou grupos com seus territórios de origem. Isso têm ocorrido devido às questões ambientais, exclusão no acesso à terra, por questões econômicas e pela

segregação no processo produtivo, impossibilidade de ingressar no mercado de trabalho e também devido à preconceitos étnicos, religiosos e opiniões políticas.

Ao se estudar este conceito, é importante que as características das populações e seus aspectos culturais sejam compreendidos de acordo com seus territórios, para uma compreensão das relações de poder e conflitos que os constituem, pois são fatos que colaboram para a formação das identidades. A utilização dos conceitos não deve se limitar a simples definição, deve permitir estabelecer as relações e a posterior análise, assim o ensino de Geografia deve buscar compreender a territorialidade além dos limites e suas extensões (HEIDRICH, A. E HEIDRICH, B., 2010).

Quando se trabalha o conceito na sala de aula:

> Na medida em que o estudo da geografia discuta a territorialidade vivida pelo aluno, sua família, sua comunidade, ele e seus colegas poderão contribuir para a formulação de atitudes de participação na sociedade, de crítica, da busca de direitos, tolerância e respeito. Poderão contribuir, por exemplo, para a noção de que uma área de preservação não é algo estranho à sociedade, mas uma área definida com o objetivo de preservar um bem ambiental em benefício da própria sociedade e do ambiente em que se vive; implica atitudes de senso coletivo, de respeito ao outro, de fortalecimento de valores éticos e democráticos (HEIDRICH, A. E HEIDRICH, B., 2010, p. 131-132).

Esse tipo de abordagem é fundamental, pois objetiva-se que o aluno seja capaz de compreender a realidade a partir do conceito abstraído pelo educando, para que ele possa aplicar esse saber nas suas atitudes do cotidiano. Essa forma de ensino torna possível que o aluno seja capaz de compreender sobre a formação do espaço geográfico e também contribui para a construção de atitudes, se aplicando também nas várias escalas, desde o bairro até a nação, pois são realidades conexas à vida de todos. Assim, diante de qualquer condição territorial, (...) devem-se explorar os diversos significados nela contidos, como uso, comunicação, identidade, coexistência, coesão, conflito etc., e articulá-los à vida do aluno" (HEIDRICH, A. E HEIDRICH, B., 2010, p.133). Em meio a esse contexto, este tipo de enfoque na Geografia deve objetivar a formação do cidadão crítico em relação às desigualdades, que tenha valores que preze pelo respeito às diferenças e seja permanente construtor da cidadania (HEIDRICH, A. E HEIDRICH, B., 2010).

Sobre o uso das novas linguagens no ensino de Geografia, como sugestão para a abordagem sobre o conceito de território usaremos a música "Meu pequeno território[19]". Ao se trabalhar essa canção na sala de aula o professor tem um material rico, didático e de fácil compreensão pelos educandos por se tratar de uma linguagem simples e objetiva,

[19] Composição de Eli Silva e Zé Goiano.

no qual um camponês retrata algumas vivências ocorridas e que impactaram de forma direta e negativa nos modos de vida da sua família. Na canção, de forma resumida, o camponês retrata que tinha um "sitiozinho" em São Paulo localizado nas margens do Rio Tietê e que aquele local era ideal de se viver, e que ali sua família tinha sido formada e vivia de forma harmoniosa. Porém um certo dia o camponês foi forçado a vender seu "pequeno território" por um preço irrisório, pois seu sítio seria tomado pelas águas de uma represa. Essa condição fez com que a família tivesse que se mudar para a cidade, local em que eles não se habituaram, pois, seus modos de vida não se enquadravam àquela realidade, gerando sofrimento, frustração e sentimento de perda e impotência.

Tabela 2: Música "Meu pequeno território" de Eli Silva e Zé Goiano.

Eu tinha meu sitiozinho Nas margens do rio tietê Pequeno só no tamanho Ideal pra se viver Ali criei a família Vi cada filho crescer Confesso nunca pensei No que veio acontecer Por um preço irrisório Meu pequeno território Tive que um dia vender. Certo dia um sujeito Bateu palmas no terreiro Eu saí para atender Vi que era um mensageiro Me perguntou se eu era O patrão ou o caseiro Respondi eu sou o dono Mas tenho mais quatro herdeiros Três filhos e a mulher Mas enquanto Deus quiser Eu serei sempre o primeiro.	Ele então me respondeu Desculpe a minha franqueza Eu vim trazer um recado Que vai lhe causar tristeza Suas terras estão marcadas O senhor não tem defesa Tirou da pasta um projeto Me explicou com clareza O senhor tem que mudar O seu sítio vai ficar Sobre as águas da represa. Tive que mudar depressa Não tive outra saída Hoje moro na cidade Mudou tudo em minha vida A mulher não se conforma Vive sempre aborrecida Eu também não canto mais Deixei a viola esquecida É grande a minha agonia Trabalho de boia fria Pra defender a comida.	Em troca do sitiozinho Me fizeram um pagamento Que mal deu para eu comprar Uma casa no relento Moro na periferia Ái me Deus que sofrimento A vida boa que eu tinha Não esqueço um só momento É tão grande a minha mágoa O meu sítio embaixo d'água Não me sai do pensamento.

Fonte: Site Vagalume. **Acesso em**: 14/05/2018. **Disponível em:** < https://www.vagalume.com.br/eli-silva-e-ze-goiano/meu-pequeno-territorio.html>.

Através desse recurso o professor pode trabalhar vários aspectos, principalmente as relações de poder que formam o território e que impactam diretamente no cotidiano da sociedade, causando benefícios para uns e malefícios a outros. Pode-se abordar a questão do poder que o capitalismo exerce através dos agentes hegemônicos, que acabam moldando o território a seu favor, muitas vezes por meio da expropriação de terras dos menos favorecidos da sociedade, gerando tensões e conflitos. Esses eventos impactam de forma negativa as culturas dessas populações, pois gera a desterritorialização dos mesmos, que acabam tendo que migrar em busca de novos territórios para suprir suas

necessidades, que em muitos casos difere das condições necessárias para a manutenção dos seus modos de vida habituais. Outro ponto possível de abordagem é sobre os impactos que os grandes empreendimentos geram, sendo eles sociais e também ambientais, devastando enormes áreas, causando danos irreparáveis na fauna e flora em vastos territórios.

Esses conteúdos devem ser trabalhados de forma crítica, visando despertar no aluno a interpretação dos vários espaços a partir do conceito de território como ferramenta de análise. Assim o educando ganha novos elementos para perceber que o ambiente que ele vive (o lugar) também sofre interferência direta devido às ações dos agentes detentores do capital que moldam o território de acordo com os interesses econômicos, políticos e estratégicos. Essas questões são de grande valia para os discentes, uma vez que auxiliam na formação do senso crítico, dessa forma o aluno pode se tornar um sujeito consciente de que pode lutar contra os interesses do capital quando julgarem que estão sendo prejudicados de diversas formas, principalmente pela perda do seu território, como foi o foco da abordagem na música mencionada acima.

4.1.3. A abordagem do conceito de região e redes no ensino de Geografia

Cada região tem suas especificidades e função no espaço, sendo interligados por redes que promovem o fluxo de informações, mercadorias e pessoas, contribuindo para a configuração do espaço, da economia nacional e das populações. Dessa forma “a região, adquirindo foco conceitual, responderia não somente por questões analítico-metodológicas, mas também por questões da ordem das práticas efetivas de diferenciação do espaço” (HAESBAERT, 2010, p. 171).

O estudo do conceito de região é importante pois auxilia na compreensão das interações da sociedade com a natureza, do mesmo modo contribui na análise da organização e diferenciação do espaço geográfico (HAESBAERT, 2010). Nessa perspectiva o espaço deve ser compreendido como resultado de um processo de construção social e não como como um conjunto de fenômenos e fatos desconexos, tendo como base também os demais conceitos inerentes à Geografia para a análise e reflexão (BRASIL, 2009).

Sobre a definição do conceito de região especificamente, o mesmo “é um conceito trabalhado para explicitar a divisão regional do Brasil, geralmente apresentado no volume do 5º ano, associado à paisagem retratada para cada uma das regiões brasileiras” (BRASIL, 2009, p. 19).

Na escola, o conceito de região é frequentemente utilizado com enfoque em recortes espaciais, como nos estudos das regiões administrativas e/ou geoeconômicas nacionais, também na abordagem sobre os continentes ou nas regiões supranacionais (Mercosul, União Europeia e etc.). Em quase todo o ensino fundamental, em poucas oportunidades são problematizados os critérios de como se define uma região, sendo raros os livros que conseguem efetuar a explanação do que fundamenta sua definição. Isso acaba por deixar em segundo plano ou até mesmo ocultar a dimensão política que envolve o conceito. Porém o que deve se objetivar é a abordagem das regiões como um conjunto de fatos e dinâmicas entre sociedade e natureza, ou seja, conciliar Geografia física e humana para se obter a compreensão da dinâmica do espaço (CAMPOS e BUITONI, 2010).

Para Milton Santos (2003) a região seria a área onde se realiza o acontecer solidário, mas que deve ser considerado no sentido de realização compulsória de fazeres que são comuns a todos desta área, no qual alguns são explorados e outros exploradores. Na contemporaneidade essas dinâmicas são regidas pela globalização e o que ocorre nos lugares é o resultado de combinações de vetores locais, regionais, nacionais e mundiais que impactam ao mesmo tempo.

Na sala de aula, Campos e Buitoni (2010) apontam que a abordagem do conceito é importante e que deve estimular a observação com o caráter analítico para distinguir fenômenos diferentes segundo critérios pré-estabelecidos pelo observador. O aluno deve ser estimulado a efetuar comparações após as observações. Também deve ser feito a classificação das regiões segundo seus atributos físicos, sociais e políticos e posteriormente deve-se interpretar esses dados e suas dinâmicas. Complementando essa abordagem os autores dão o exemplo de que o aluno pode observar, comparar e classificar o uso do solo de uma cidade. Também pode-se buscar explicações sobre a historicidade, diferenças ou semelhanças que ocorreram em distintos períodos históricos ou até mesmo acontecimentos que se desdobraram em outros lugares “como nas políticas públicas federais e também em fatos e fenômenos externos ao país, das mais variadas naturezas, como crises econômicas ou guerras que estimulam fluxos migratórios” (CAMPOS e BUITONI, 2010, p. 10).

Sobre as redes, Dias (2000) comenta que as inovações no capitalismo que ocorreram ao longo da história (com destaque para o século XIX) estão diretamente relacionadas às redes técnicas que, por sinal, modificaram os espaços nacionais, tornando mais rápido os fluxos de bens, pessoas, mercadorias e informação. Essa nova forma de

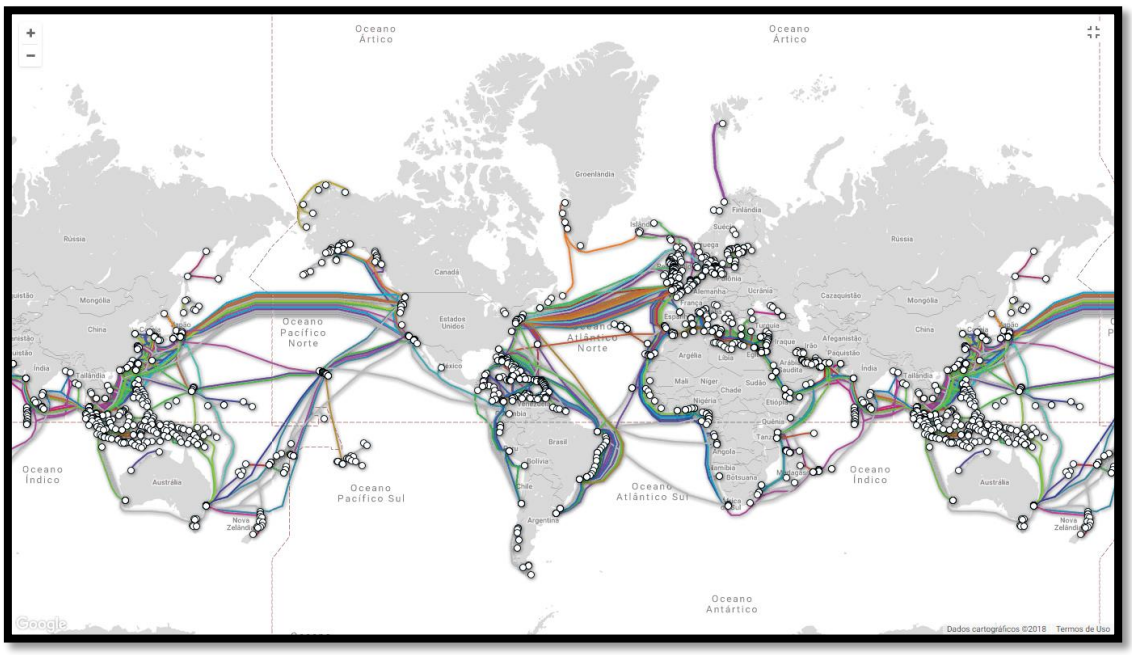
organização reestruturou o território em nível mundial transformando o modo como o capitalismo atua nas várias escalas. Complementando essa abordagem a autora explana que:

> Toda a história das redes é a história de inovações que, umas após as outras, surgiram em respostas a uma demanda social antes localizada do que uniformemente distribuída. Com a ferrovia, a rodovia, a telegrafia, a telefonia e finalmente a teleinformática, a redução do lapso de tempo permitiu instalar uma ponte entre os lugares distantes: doravante eles serão virtualmente aproximados (DIAS, 2000, p. 141).

Essa dinâmica tinha como intuito estabelecer redes hierarquizadas e a partir disso um sistema geral de comunicações. De forma resumida "era um projeto de integração territorial, integração de mercados regionais, pela quebra de barreias físicas, obstáculos à circulação de mercadorias, de matérias-primas, mas também de capitais" (DIAS, 2000, p. 145). Tal condição gerou a densificação das redes em escalas regionais, nacionais e internacionais, se tornando uma condição que acabou se impondo à circulação de tecnologias, capitais e matéria-prima (DIAS, 2000). Assim vemos que os fluxos materiais e imateriais, pressupõe a existência das redes, fator que se tornou preponderante na contemporaneidade, pois passou a organizar as manifestações técnicas, econômicas, políticas e sociais. Junto a isso "a comunicação entre parceiros econômicos -à montante e à jusante-, graças às novas redes é acompanhada de uma seletividade espacial. A importância estratégica da localização geográfica foi, de fato, ampliada" (DIAS, 200, p. 150).

Quando se trata da abordagem de região e redes através da utilização das novas linguagens no ensino de Geografia, como sugestão o professor pode apropriar-se do uso de mapas interativos e sites. No caso o mapa interativo presente no site Submarine Cable Map pode ser utilizado como ferramenta para o ensino, que se trata do mapa da rede de cabos submarinos que sustenta as comunicações do mundo, ligando várias regiões umas às outras de forma eficiente, fato que se caracteriza como um sistema revolucionário e de extrema valia que influencia na dinâmica mundial. A seguir está presente uma captura de tela para elucidar e se ter a noção sobre as características do mapa interativo.

Figura 1: Captura de tela do mapa interativo da rede de cabos submarinos distribuídos pelo mundo.



Fonte: Submarine Cable Map. **Disponível em:** < https://www.submarinecablemap.com/>. **Acesso em:** 23/05/2018. (Adaptado).

Através do uso desse mapa é possível refletir sobre a espacialidade das redes de cabos de fibra ótica que conectam diversos continentes e regiões do mundo, interligando também regiões intranacionais, como no caso do Brasil, que tem uma parcela dessa estrutura, ligando regiões do norte ao sul do país, influenciando em diversos aspectos na sociedade.

A vasta rede de cabos submarinos que existe na atualidade é a responsável por ligar os mais importantes centros de informações do mundo, funcionando como principal rede de transmissão de dados mundial. Por meio do mapa é possível clicar em cada rede de forma individual e verificar informações sobre as empresas que administram os cabos e as cidades bases por onde eles passam. Através dessas cidades, as redes são redistribuídas para outras localidades, ligando as demais regiões pertencentes aos países. Isso demostra que para as informações chegarem até as residências, empresas, comércios e outros, existe todo um conjunto de estruturas globalmente distribuídas de forma estratégica.

> A fibra óptica facilitou o crescimento explosivo do comércio eletrônico, que inclui tanto transações entre empresas, quanto operações entre empresas e clientes, abrangendo sistemas de intercâmbio eletrônico de dados (EDIs), publicidade digital, catálogos virtuais de produtos, compartilhamento de informações de vendas e de inventário, envios de pedidos, contratos, faturas, pagamentos, horários de entrega, atualizações de produtos e recrutamento de

> mão de obra. De fato, as fibras ópticas transformaram a Internet, que passou de um sistema de comunicação para um sistema comercial, acelerando o ritmo de compras, suprimento, produção e entrega de produtos. Essa infraestrutura emergiu como a espinha dorsal do sistema financeiro global e teve um forte papel no crescimento da Internet (WARF, 2017, p. 399).

Diante das informações acima percebe-se que essas redes revolucionaram o fluxo de informações e comandam as comunicações mundialmente até a escala local, servindo de base para o capital, empresas, clientes, comércio, transportes, recrutamento de mão de obra e outros. Essa abordagem no ensino é de grande valia quando trabalhada de forma efetiva pois auxilia os educandos na compreensão de como se dão algumas dinâmicas do espaço e como as mesmas influenciam no seu cotidiano de forma indireta e/ou direta. Com isso o aluno se torna ciente e capaz de interpretar e efetuar a análise de algumas dinâmicas que regem o mundo, como elas se espacializam e se configuram de forma dinamizada no espaço nas diversas escalas.

O professor pode também abordar a globalização, se apoderando dos conceitos de região e redes, ao mencionar que ela impacta a sociedade culturalmente, podendo fazer com que um ou mais indivíduos passe a incorporar significados de culturas de outras nações por meio da internet, música, vestimenta e outros, que chegam por meio das redes e acabam interferindo na forma como alguns dos sujeitos se comportam perante a sociedade e as demais questões que fazem parte do seu cotidiano.

Outra potencialidade, é a elaboração de uma atividade investigativa, no qual os alunos podem pesquisar sobre os motivos pelo qual as cidades que servem de base das redes de comunicação foram escolhidas. Esta dinâmica pode produzir bons resultados visto que os educandos tendem a aguçar os sentidos de investigação e pesquisa, auxiliando na interpretação do mundo e da realidade que estão inseridos, podendo compreender sobre as estratégias e dinâmicas que são utilizadas para pensar a organização e disposição das redes de comunicação no espaço visto que são recursos indispensáveis na contemporaneidade e que acabam gerando grande influência nas várias escalas de análise e principalmente na economia mundial.

É importante ressaltar que essas abordagens não são “receitas de bolo” e não devem ser consideradas como soluções para o ensino, são apenas alternativas que podem surtir efeitos positivos no processo de ensino-aprendizagem geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, o ensino escolar nacional passa por momentos que necessitam ser analisados e debatidos com a finalidade de criar alternativas ao processo de ensino aprendizagem. No que compete à Geografia Escolar, as diferentes linguagens apresentam potencialidades e limites no desafio de auxiliar os estudantes e professores na reflexão sobre a realidade socioespacial. A fim de averiguar tais questões, o trabalho percorreu quatro principais momentos: i) um resgate sobre a constituição da Geografia enquanto disciplina escolar, para que identificássemos em que medida alguns desafios se apresentam ou não na atualidade; ii.) uma reflexão sobre as especificidades da utilização de diferentes linguagens no ensino de Geografia; iii.) uma interpretação sobre práticas de ensino da disciplina de Geografia de instituições da rede pública e privada da cidade de Viçosa – MG; iv) um exercício propositivo contendo sugestões da utilização de diferentes linguagens associadas aos conceitos geográficos.

Especificamente sobre as entrevistas, que acabam mobilizando elementos reunidos ao longo de todo trabalho, pode-se perceber que existem características diferentes de ensino nas instituições. Em meio a estas, identificaram-se “heranças” da Geografia clássica nos moldes de ensino e atributos que vão ao encontro dos ideais da Geografia crítica.

No que se refere às análises efetuadas, quando partimos para as entrevistas com os professores Alan e Bruno, pertencentes a rede privada, podemos compreender que o ensino perpassa por desafios diferentes dos da rede pública. Os colégios são munidos de infraestruturas de excelência e adequadas à prática docente e é nítido que os professores convivem com menor incidência de problemas com indisciplina e falta de interesse nas aulas. Ambos declararam que os moldes de ensino adotados são de predominância tradicional, porém enfatizam que gostam de promover aulas com diferentes métodos de ensino, se apoderando de diferentes linguagens para tal, e evidenciam que quando bem utilizados os alunos demonstram maior interesse e participação nas aulas.

No geral, a “herança” da Geografia clássica nas práticas de Alan e Bruno parece ser devido a predominância de momentos expositivos. Entretanto, ambos disseram buscar alinhar os conteúdos e conceitos geográficos com o cotidiano dos educandos, pois julgam que assim podem promover o ensino crítico e significativo e, a partir disso os alunos tem a possibilidade de compreender a importância da disciplina em suas vidas. Assim vemos que as aulas em sua maioria, ao que parece, buscam formar cidadãos críticos e

conscientes. Mas se pensarmos que o foco nas práticas do colégio que Bruno trabalha buscam fazer com que os alunos passem nos vestibulares, ENEM, e outros processos seletivos, pode-se entender que esse tipo de ensino objetiva a formação para o mercado de trabalho. Essa condição pode não condizer com o ensino crítico, visto que o foco não perpassa pela formação do cidadão consciente, e sim na formação de pessoas para atender as demandas do capitalismo. Nesse caso também foi identificado a falta de incentivo à pesquisa, atividade de extrema valia para a construção do saber, pois estimula a capacidade de raciocínio, visto que o responsável por gerar o conhecimento nesses casos é mais um dever do aluno, tendo o professor como mediador.

Através das análises das entrevistas de Carlos e Daniela, ambos pertencentes à rede pública, percebe-se que eles enfrentam inúmeros desafios para efetuar suas práticas de modo efetivo. As instituições são munidas de boa infraestrutura e permitem aulas diversificadas, porém os professores relataram que convivem com o desinteresse de uma parcela significativa dos educandos, independentemente dos métodos de ensino utilizados. Daniela ainda destaca que parte desses problemas são devido ao sistema de progressão automática, que gera defasagens no aprendizado nos educandos.

Nas práticas dos docentes, vemos que as aulas são predominantemente tradicionais expositivas, pautadas no uso do livro didático como principal ferramenta de auxílio em suas práticas. Em ocasiões esporádicas, Carlos lança mão de diferentes linguagens no ensino de conceitos geográficos e salienta que em ambos os métodos de ensino busca alinhar os conteúdos com a vivência dos estudantes, pois tem como princípio básico efetuar o ensino significativo, uma vez que julga ser fundamental para a formação do pensamento crítico dos educandos. Quanto à Daniela, existem momentos em que ela modifica seus métodos de ensino, se apoderando de diferentes linguagens, buscando incentivar os alunos a pesquisarem e fazerem o uso desses recursos na resolução de atividades e elaboração de apresentações. Este tipo de abordagem é fundamental, pois estimula os alunos à pesquisa e construção do saber, com o professor mediando o processo. Porém vale ressaltar que a docente não explana que busca de forma habitual relacionar os conteúdos com o cotidiano dos discentes.

Em linhas gerais a pesquisa identificou que ocorreram rupturas e continuidades com os moldes da Geografia clássica, que a grosso modo era marcada por um processo de ensino desconexo com a realidade de professores e alunos, no qual perdurava abordagens descritivas e pautadas na memorização. Nos colégios particulares parece ter ocorrido a ruptura em partes com os moldes de ensino da Geografia clássica, no qual em

alguns momentos de acordo com os relatos, o modelo de ensino da Geografia crítica prevalece, pois, os professores têm como objetivo promover o ensino crítico e significativo, alinhando conteúdos e cotidiano, independentemente do método. Em outros momentos existe a “pressão” e necessidade de formar alunos para o mercado de trabalho, que de certa maneira pode tornar os educandos mais suscetíveis à memorização e em menor grau à reflexão sobre o que se está aprendendo. Com base nos relatos vemos que ambos conseguem efetuar o ensino de qualidade em muitos momentos e sofrem em menor grau com problemas, sejam eles políticos, estruturais e principalmente a falta de motivação e interesse dos alunos pelas aulas. Isso pode tornar o ambiente escolar favorável ao aprendizado.

Nas escolas públicas vemos que a situação difere em alguns pontos, ao que parece ainda existem características que coadunam com o modelo de ensino da Geografia clássica, no caso o uso em demasia do livro didático, que pode tornar as aulas pouco efetivas por ser uma ferramenta que muitas vezes é desconexa com a realidade dos professores e alunos. Porém vemos laços com os ideais da Geografia crítica quando Carlos relata que busca efetuar práticas significativas com o apoio do livro, pois identificou-se que ele busca relacionar os conteúdos com o cotidiano dos educandos, isso é fundamental, pois se não for abrangido de forma efetiva com o intuito de problematizar sobre a importância da Geografia, o uso dessa ferramenta como único apoio nas aulas pode ser ineficiente e tornar-se fonte de desmotivação para os alunos e consequentemente o desinteresse pelas aulas.

Vê-se também que apesar do uso em demasia do livro didático, os professores se esforçam em variar suas práticas na busca de motivar os alunos e promover o ensino significativo, que vai ao encontro dos ideais da criticidade, fundamental para a formação do cidadão consciente.

No que diz respeito ao uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia, percebe-se que ainda são utilizados em menor grau se comparado às abordagens expositivas. Através dos relatos, apesar de não refletir diretamente nas notas, foi nítido que em muitos casos sua utilização motivou a participação, o interesse e consequentemente ajudou na compreensão dos conteúdos pelos alunos, assim sendo, o seu uso permite possibilidades interessantes para o ensino.

De modo geral, vemos que apesar da desvalorização da classe docente no âmbito nacional, a escola ainda é uma instituição extremamente importante para a sociedade, onde as mudanças podem ocorrer, é o local que promove o início da formação do cidadão

e sua consciência crítica, portanto deve ser revalorizada em conjunto com os professores devido ao papel fundamental que ambos têm para a sociedade.

Esperamos, por fim, que as possibilidades que sugerimos de associar diferentes linguagens aos conceitos do ensino de Geografia possam ser utilizadas e reelaboradas por outros docentes, visando adequá-las às especificidades do ambiente de ensino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. **Dois momentos na história da Geografia escolar:** a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 2011.

ANGELO, M. D. L; ALBUQUERQUE, M.A.M**. Geografia Escolar: Produção e Autoria de Livros Didáticos (final do século XIX e início do século XX)**. 3º SEMINÁRIO REGIONAL NORTE E NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2012.

ALVES, C. C. E. **Ensino de geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem:** perspectivas para a educação básica e geográfica. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 27 – 34. Fevereiro. 2016.

BIANI, P. B. **A Progressão continuada rompeu com mecanismos de exclusão.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, 2007.

BRABANT, J. **Crise da Geografia, Crise da escola.** In: OLIVEIRA, A. U.; et.al (Org.). Para onde vai o ensino da geografia? São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL. **Guia de livros didáticos PNLD 2010**: Geografia. Brasília: MEC, 2009.

BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Coleção Explorando o Ensino**; v. 22. Org. Buitoni. Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p.

CAMPOS, E.; BUITONI, M. M. S. **Região e regionalização no currículo escolar**. In: BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coleção Explorando o Ensino; v. 22. Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p.

CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula.** Ana Fani Alessandri Carlos (org.). São Paulo: Contexto, 2010. 144 p.

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia. Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 83- 131.

_____. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cadernos Cedes, Cadernos Cedes Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CARRA, A. TESTON, R. P. **A importância da iniciação científica na escola**: a formação de jovens pesquisadores no município de Ibiaçá. Colóquio Internacional de Educação. Universidade do Oeste de Santa Catarina, p. 763-773, 2014.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea:** avanços, caminhos, alternativas. In: I Seminário nacional: currículo em movimento - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. Anais do Seminário, 2010.

CORREIA, M. A. **A música nas aulas de geografia**: canções e representações **geográficas.** Revista Geografar. Curitiba, v.7, n.1, p. 138-160, jun./2012.

DA ROCHA, G. O. R. **Delgado de Carvalho e a orientação moderna do ensino da geografia escolar brasileira.** Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.83-109, 2000.

_____. **Geografia no currículo escolar brasileiro** (1837-1942). Revista de educação, cultura e meio ambiente- dez.-n° 12, vol II, 1998.

DE SOUSA NETO, M. F. **A aula**. n. 2. Vitória: Geografares, 2001.

DIAS, L. C. **Redes:** emergência e organização**.** In: Geografia: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

FERNANDES, A. M. **Paisagem sonora e o ensino de geografia: em busca de um diálogo com os teóricos da música concreta**. In: 17º Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas. 17º Congresso de Leitura do Brasil, 2009.

FERREIRA, E. C. **O uso dos audiovisuais como recurso didático.** Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. U. Porto, 2010.

FREIRE. P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HAESBAERT, R. **Região e rede regional "Gaúcha":** entre redes e territórios. In: Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 15-27, ago. 1996.

_____. **Desterritorialização e identidade:** a rede gaúcha no Nordeste. Niterói, RJ: Ed. UFF, 1997.

_____. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 208p.

HEIDRICH, A. L.; HEIDRICH, B. B. **Reflexões sobre o estuo do território**. In: BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coleção Explorando o Ensino; v. 22. Secretaria de Educação Básica, 252 p. 2010.

KAERCHER, N. A. **A geografia é o nosso dia-a-dia.** In; Geografia na sala de aula: práticas e reflexões. Editora da UFRGS - Brasil. 2010.

_____. **Desafios e utopias no ensino de geografia.** In: Geografia na sala de aula: práticas e reflexões. Editora da UFRGS - Brasil. 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. (Coleção magistério. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 263 p. 1994.

LIBÂNEO, J.C. **As Políticas de Formação de Professores no contexto da reforma universitária:** das políticas educativas para as políticas da educação. Revista Profissão Docente Online. 2004.

MAIA, E. J. P. **A Geografia escolar na Província de Minas Gerais no período de 1854 a 1889**. Orientador Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho ─ Belo Horizonte - MG, 2014.

MORAIS, Régis de. **O que é ensinar.** São Paulo: E.P.U, 1986.

NÓBREGA, P. R. da C. **Reflexões didáticas sobre o conceito de região na geografia**. In: Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 11, n. 1, págs. 107-130, Jan/jun. 2015.

NOGARO, A. **A escola como espaço de aprendizagem.** Filosofazer. Passo Fundo: IFIBE, ano XIV, nº 26, 2005/I.

OLIVEIRA JR. W. M.; GIRARDI, G. **Diferentes linguagens no ensino da geografia**. Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. p. 9.Goiânia – GO, 2011.

OLIVEIRA, J. R de. **A ordem do bem ensinar:** a prática de ensino em livros para professores de Geografia em formação. Doutorado (Doutor em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 172 p. 2018.

PASSINI, E. Y. **Convite para inventar um novo professor.** Educação: um tesouro a descobrir. 6ª.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO. 2001.

PATTO, M. H. S. (Org). **Introdução à Psicologia Escolar**. 3º ed. Revista Atual. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1997.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T.I; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

PUNTEL, G. A. **A paisagem no ensino da Geografia**. In: Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, jan./jun. 2007.

RIBEIRO, M. Â. **As redes geográficas sob a ótica analítica de Miossec**. Geo UERJ. Rio de Janeiro, n. 10, p. 2001, p. 35-46.

SANTOS, A. V. N.; MAMEDIO, M. P. **Desmotivação do profissional da educação.** UEG, 2016.

SANTOS, F. A. dos. **Escola Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da Escola Primária em São Paulo no início do século XX**. Dissertação de mestrado - História, Política, Sociedade - PUC de São Paulo. São Paulo: PUC, 2005.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **Técnica, espaço e tempo.** São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Região:** globalização e identidade. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). Conhecimento & reconhecimento. Fortaleza: UECE, 2003.

SANTOS, R. C. E.; CHIAPETTI, R. J. N. **Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia:** uma interface teoria e prática. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n. 3, 2011.

SANTOS, R. J.; COSTA, C, L da; KINN, M. G. **Ensino de Geografia e novas linguagens**. In: BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coleção Explorando o Ensino; v. 22. Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p.

SCHAFFER, N. O. **A Cidade nas aulas de geografia.** In: CASTROGIVANNI, A.C. etal. (Orgs). Geografia em sala de aula, práticas e reflexões. Porto Alegre; associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre, 1998.

SILVA, D. N da. **A Desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos - SP.** 2012.

SPERANDIO, R. S.; MUNIZ, A. C. H. N. **Paradigmas positivistas nas reformas educacionais do (des) governo temer:** do Escola sem Partido ao novo Ensino Médio. In. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, n. 3, p. 211-219, dez. 2017.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia – O Desafio de totalidade-mundo nas séries iniciais.** 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

TAVARES, Q. S.; BISPO, O. M. **Uma análise da abordagem territorial no ensino de Geografia, na educação básica no centro de ensino médio Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.** In: Sociedade e Território – Natal. Vol. 28, N. 1, p. 156-173. Jan./Jun de 2016.

WARF, B. **Digitalização, globalização e capital financeiro hipermóvel.** Geousp – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 2, p. 397-406, agosto. 2017.

ANEXOS
Entrevista com os professores.

1. Em qual área você é formado? Qual o ano de conclusão? Qual o seu nível de formação e em qual instituição se formou?

2. O que serviu de motivação para você escolher a área das ciências humanas, mais especificamente a Geografia?

3. Quando decidiu ser professor (a)? Por que ser professor de Geografia?

4. Em qual rede de ensino você atua? Em quantas escolas e com quais séries trabalha? Há quanto tempo exerce a profissão?

5. Após esse tempo de profissão, qual o balanço geral você faz dela? Você gosta de ser professor (a)?

6. Como é o seu método de ensino?

7. Em suas práticas na sala de aula, quais estratégias você utiliza para trabalhar os conteúdos da Geografia? O que você considera importante desenvolver junto com os alunos?

8. Qual a sua opinião sobre a utilização das novas linguagens?

9. Na sua formação houve capacitação e discussão sobre as metodologias no ensino de geografia? Houve capacitação para a utilização de diferentes recursos? Você considera que algo deveria ter sido diferente?

10. Em quais ocasiões você lança mão de outras linguagens para tornar as aulas efetivas e com qual frequência? Você pode dar alguns exemplos?

11. Quando você utiliza outras linguagens, quais resultados observa?

12. Os alunos se apoderam de novas linguagens na resolução das atividades, trabalhos em grupo, provas e outros? Cite exemplos, por favor.

13. Quando utilizados, mudanças se refletem nas atividades avaliativas?

14. Quais estratégias você utiliza para trabalhar os conceitos geográficos? Você considera que os educandos conseguem compreender a importância desses conceitos?

15. Caso queira utilizar outros recursos nas aulas, a escola permite que você o faça de forma fácil e sem empecilhos?

16. Diante das experiências e suas vivências na escola, quais são os desafios enfrentados na prática docente na contemporaneidade?

17. Se tratando da Geografia, quais os desafios para efetuar o ensino de forma didática? Quais desafios de se ensinar Geografia?